

SEMANÁRIO

ECCLESIA

Nº 1485 | 18 de junho de 2015



«Laudato si»

Francisco por uma nova ecologia

[04 - Editorial:](#)

João Aguiar Campos

[06 - Foto da semana](#)

[07 - Citações](#)

[08 - Nacional](#)

[14 - Internacional](#)

[20 - Opinião:](#)

José Luís Gonçalves

[22 - Semana de..](#)

Paulo Rocha

[24 - Dossier](#)

Encíclica «Laudato si»

[62 - Multimédia](#)

[64 - Estante](#)

[66 - Agenda](#)

[68 - Por estes dias](#)

[70 - Por outras palavras](#)

[71 - YouCat](#)

[72 - Programação Religiosa](#)

[73 - Minuto Positivo](#)

[74 - Liturgia](#)

[76 - Ano da Vida Consagrada](#)

[80 - Fundação AIS](#)

[82 - Lusofonias](#)

Foto da capa: D. R.

Foto da contracapa: Agência ECCLESIA

AGÊNCIA ECCLESIA

Diretor: Paulo Rocha | Chefe de Redação: Octávio Carmo

Redação: Henrique Matos, José Carlos Patrício, Lígia Silveira,.

Luís Filipe Santos, Sónia Neves

Grafismo: Manuel Costa | Secretariado: Ana Gomes

Propriedade: Secretariado Nacional das Comunicações Sociais

Diretor: Cônego João Aguiar Campos

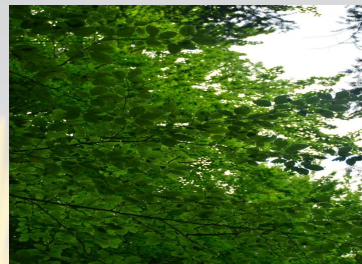
Pessoa Coletiva nº 500966575, NIB: 0018 0000 10124457001 82.

Redação e Administração: Quinta do Cabeço, Porta D

1885-076 MOSCAVIDE.

Tel.: 218855472; Fax: 218855473.

agencia@ecclesia.pt; www.agencia.ecclesia.pt;



«Laudato si», um grito de alerta

[\[ver+\]](#)



Igreja valoriza turismo em família

[\[ver+\]](#)



Dia Mundial do Refugiado

[\[ver+\]](#)

Opinião

João Aguiar Campos | Paulo Rocha |
Manuel Barbosa | Paulo Aído | Tony
Neves | Michael Czerny | Isabel
Varanda | Miguel Oliveira Panão |
José Luís Gonçalves

Guadix dixit



João Aguiar Campos
Secretariado Nacional
das Comunicações
Sociais

O recente encontro das Comissões episcopais ibéricas para a Comunicação Social, em Guadix, de que as páginas da agência Ecclesia fizeram eco, merece ser revisitado. Da sua importância falam, de facto, as conclusões tornadas públicas, todas elas indiciadoras de uma reflexão marcada, a meu juízo, pelo realismo e a esperança.

Apesar de centrado na rádio católica, o que no encontro se disse vale para toda a comunicação social da Igreja, seja qual for a sua expansão e plataforma. Vale para toda ela, porque toda ela deve ter identidade clara, profissionais comprometidos com a mundividência cristã e gestão condizente com a doutrina social católica. O que pressupõe seleção criteriosa e formação permanente, indispensáveis para não se atraindo missão e valores, nem se rasgar o contrato de confiança com leitores, ouvintes ou telespectadores.

Referir isto parece repetir evidências. No entanto, não é ocioso fazê-lo. Mais: é mesmo indispensável e urgente fazê-lo!...

Não falta, de facto, quem confunda tolerância com ausência de convicções; e quem, à força de justamente recusar o proselitismo, abandone o direito/dever missionário de propor. Também não falta quem, renunciando ao esforço inteligente de procurar a relevância, viva de ideias inofensivas e populares: uma espécie de pedaços de bolo molotov que se desfazem na doçura do céu da boca...



Não escondo quanto tudo isto pessoalmente me incomoda e, ao mesmo tempo, responsabiliza; sobretudo quando são as “melhores intenções” e o mais amigo dos “pluralismos” a justificar a preguiça de debater e de iluminar. E, já agora, incomoda-me igualmente que hoje isso se faça invocando um papa mal traduzido na transparência do seu acolhimento exigente... Basta pensar que o seu anúncio de um Ano da Misericórdia não foi a proposta de uma “graça barata” (para citar Walter Kasper), mas a oportunidade de, mediante o autêntico conhecimento do Deus da misericórdia, esta ser vista como a fonte constante e inexaurível da conversão. Volto às conclusões do mencionado encontro ibérico.

Faço-o para chamar a atenção para

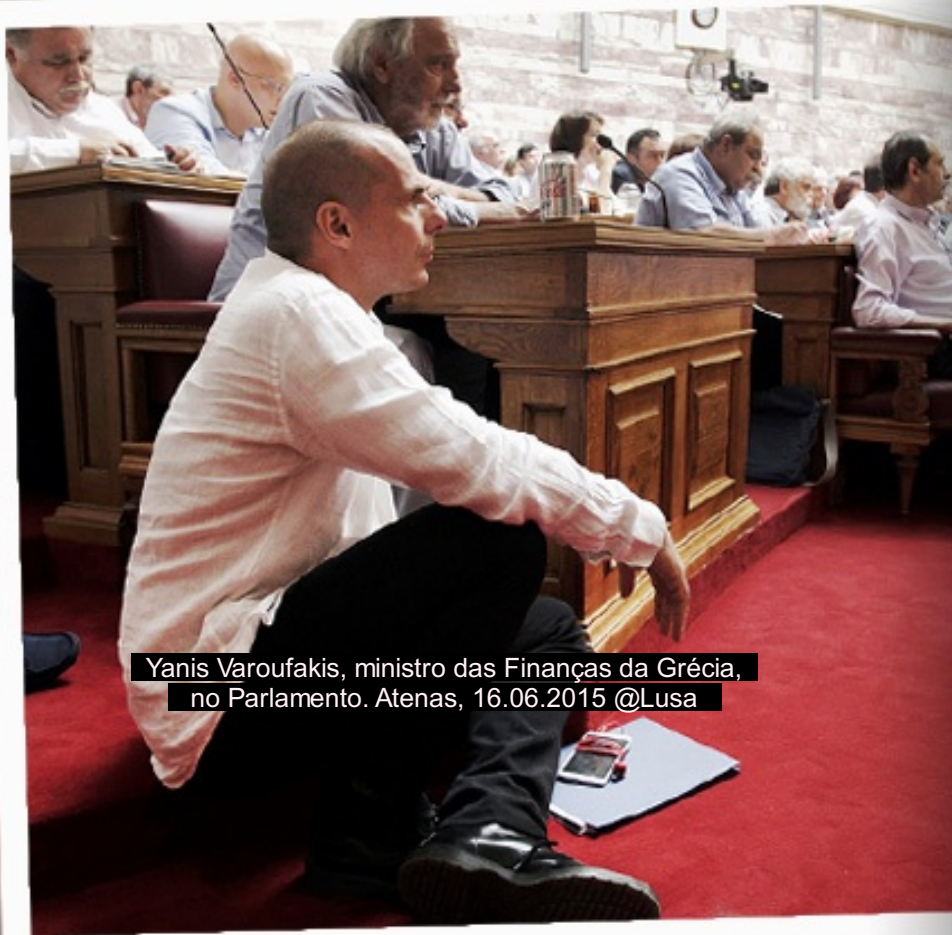
os verbos e expressões que os prelados usaram na sua comunicação: “valorizamos”, “queremos”, “deve estar”, “têm o direito e o dever”, “têm de”, “devem ter”...

Não leio aqui piedosas intenções ou recomendações paternalistas. Leio indicações cujo cumprimento fará a diferença entre a seriedade das escolhas e o melífluo faz de conta. Evidentemente que temos por diante a dura tarefa de tirar do papel o que foi dito/escrito. É certo que tal cabe, diariamente, aos diretamente responsáveis no terreno -- mas que não dispensa a exigência e o acompanhamento de quem, em razão do seu múnus eclesial, tem o dever da santificação, do ensino e do governo.

Valha-nos a sabedoria popular que recomenda: “não deixes para amanhã o que podes fazer hoje”.



foto da semana



Yanis Varoufakis, ministro das Finanças da Grécia,
no Parlamento. Atenas, 16.06.2015 @Lusa

citações



"Todos os países da União Europeia estão preocupados, embora se diga - e eu concorde - que as instituições europeias estão melhor preparadas para enfrentar um acidente com um país da zona do Euro, alguns efeitos ocorrerão e não serão efeitos positivos, embora eu continue a afirmar que eles podem ser contidos em relação ao conjunto da zona Euro e em relação a Portugal" *Aníbal Cavaco Silva, presidente da República Portuguesa, durante uma conversa com os jornalistas em Bucareste, 18.06.2015*

"As políticas ativas de emprego têm que ser concentradas no emprego jovem de uma forma inteligente. Não para continuar a subsidiar a precariedade, como tem sido feito, mas mobilizar para uma contratação massiva de jovens licenciados".

António Costa, secretário-geral do PS, em entrevista ao jornal Público, 17.06.2015

"Não sinto que mereço. Nunca me vejo a fazer parte destas pessoas com probabilidade de obter estas distinções". *Escritora Hélia Correia, vencedora do Prémio Camões 2015, em declarações à Lusa, 17.06.2015*

"É óbvio que o Governo está, como penso que os senhores jornalistas e todos os cidadãos estão atentos a quaisquer turbulências que aconteçam ou não decorrentes deste processo grego, mas só lidaremos com essas turbulências se elas vierem a acontecer e quando elas acontecerem". *Luís Marques Guedes, ministro da Presidência, Lisboa, 18.06.2015*

Turismo como meio para intensificar e recompor laços familiares

A Obra Nacional da Pastoral do Turismo (ONPT) quer contribuir para o esforço que a Igreja Católica tem feito, de defesa e preservação dos valores da Família, e nesse sentido divulgou um conjunto de propostas para esta época balnear.

Na nota enviada à Agência ECCLESIA, o organismo salienta que, num tempo muito dado a “perspetivas individualistas, em que cada um pode ser tentado a viver segundo as suas preferências pessoais, o turismo familiar pode ser proposto como um meio muito eficaz para intensificar e inclusive recompor os laços familiares”.

Nesse sentido a ONPT, dirigida pelo padre Carlos Alberto Godinho, alerta para a importância das famílias programarem bem o seu tempo de férias, reservando “espaços de vivência comum, que facilitem a partilha e o diálogo”.

“Para assegurar o autêntico encontro de pessoas, é fundamental que se considerem horários comuns, ainda que sem a rigidez do quotidiano”, frisa

a ONPT, dando como exemplo “o tempo das refeições”, sempre favorável “à partilha e ao diálogo”.

“A celebração da fé” em família é outra das componentes presentes no texto, pois “contribui, de modo singular, para a comunhão familiar, conjugal e geral”.

A ONPT debruça-se sobre o contributo a dar pelas comunidades cristãs presentes nos destinos de férias, frisando que “o acolhimento das famílias, na comunidade cristã, é um dever fundamental e um dos primeiros meios de que estas dispõem, para o serviço à causa das famílias”.

Isto pede paróquias capazes de responder às épocas “de maior afluência de visitantes e turistas”, que recebam e integrem as pessoas “nas celebrações litúrgicas, particularmente ao domingo”, e que forneçam “informação atualizada e próxima das atividades a realizar nas comunidades cristãs”.

“A presença habitual e disponível do pároco, ou de outros sacerdotes, em horário definido, para o



atendimento pessoal de cada visitante, pode ser uma oportunidade oferecida igualmente às famílias, particularmente àquelas que se encontram em maiores dificuldades”, acrescenta a mesma nota.

Quanto à necessidade de estender esta preocupação pela família à área do Turismo, das suas variadas empresas, a ONPT alerta para

o “cuidado que merecem os operadores e trabalhadores do setor”.

“Em períodos de trabalho mais intenso, devido à sazonalidade da atividade turística, deverá atender-se aos princípios que regulam a atividade laboral destes operadores e trabalhadores, de modo a que se garanta a sua necessária convivência familiar”, pode ler-se.

Reforçar qualidade da assistência espiritual e religiosa aos doentes

A Coordenação Nacional das Capelarias Hospitalares (CNCH), em conjunto com os respetivos responsáveis de cada diocese, quer reforçar a qualidade da assistência espiritual e religiosa aos doentes. Num comunicado enviado à Agência ECCLESIA, o organismo sublinha a necessidade de este serviço se afirmar “como parte essencial de um projeto de assistência integral à pessoa doente”.

Esta questão esteve recentemente em debate, num encontro em Fátima, que contou com a participação de D. Manuel Linda, bispo que integra a Comissão Episcopal da Pastoral Social. O prelado realçou “a importância da presença da Igreja, no meio hospitalar, estar devidamente organizada”, tendo mais especialmente em conta “aqueles que fazem de forma mais próxima a experiência da doença e do sofrimento”.

“A Igreja deve valorizar os profissionais da saúde e, neste contexto, também aqueles que chamam a si a missão da assistência espiritual e religiosa, contudo, sem nunca perder a sua especificidade, a sua espiritualidade pessoal,



e sem deixar de ser uma igreja animada e animadora, que estimula e que é estimulada”, sustentou. Durante o encontro em Fátima, a CNCH identificou alguns eixos “fundamentais” a apostar, desde a articulação deste trabalho “com outras áreas técnicas do cuidado e da assistência” passando pela formação. Para os responsáveis do organismo católico, é essencial dar uma “adequada formação técnica, teológica e humana dos capelães e assistentes espirituais” e em cuidar também da “formação de voluntários e de outros agentes” que trabalhem no setor.

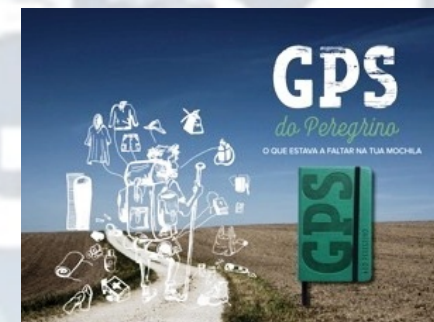
O CNCH apresentou ainda “uma plataforma informática, que em breve irá estar online, e que permitirá aos capelães hospitalares agilizar a sua intervenção”.

Proposta multimédia para Caminho de Santiago

O ‘Passo-a-Rezar’, projeto do Apostolado da Oração (AO) disponibilizou um novo ‘GPS do Peregrino’, com duas propostas de peregrinação, e a proposta ‘Caminho de Santiago’, em formato áudio, que “promete tornar o Caminho mais intenso” e “mais leve”. “Desta forma, o Apostolado da Oração e o Passo-a-Rezar pretendem estar a caminho com todos os peregrinos”, explica um comunicado enviado à Agência ECCLESIA.

O AO adianta que os conteúdos para uma peregrinação de “oito dias” a Santiago de Compostela são disponibilizados em dez ficheiros que podem ser descarregados para mp3 e “ouvidos a sós ou em grupo”. As meditações são da autoria do sociólogo, teólogo e escritor jesuíta José María Olaizola ligado ao projeto Passo-a-Rezar em espanhol, “Rezandovoy”, e adaptadas à realidade portuguesa tendo sido interpretadas pelos atores Pedro Luzindro e Soraia Tavares.

A Editorial Apostolado da Oração, a pensar nos peregrinos, lançou também o “GPS do Peregrino” que reúne duas propostas de peregrinação

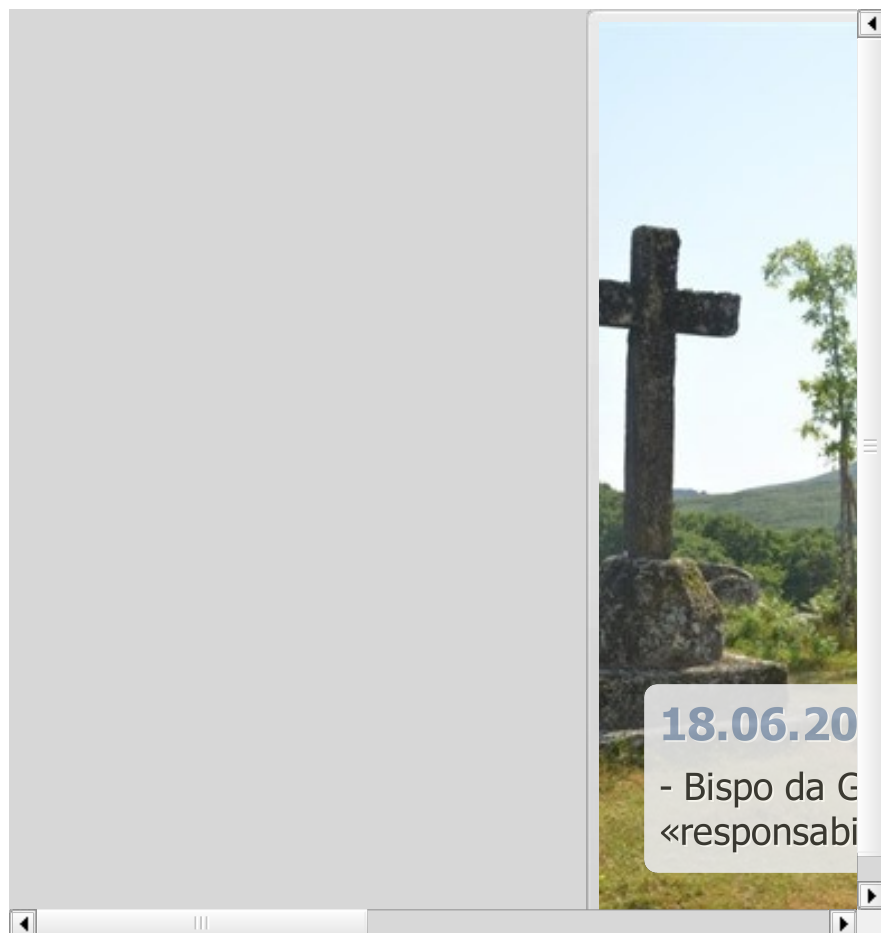


do Passo-a-Rezar, nomeadamente ‘Passos com Maria e Caminho de Santiago’.

O GPS do Peregrino inclui ainda “conselhos práticos” para preparar a peregrinação, como: O que levar; como ir; o que fazer ao chegar; orações e um espaço para escrever as impressões dos dias na estrada. “Um verdadeiro guia para peregrinos em busca de si, enquanto caminham ao encontro de Deus”, destaca o AO, sobre a terceira obra que resulta do sítio online Passo-a-Rezar.

O “GPS do Peregrino”, lançado pela Editorial Apostolado da Oração (AO), é apresentado este sábado às 17h00, na Casa de Retiros de Nossa Senhora do Carmo, no Santuário de Fátima, pelo reitor do Santuário, padre Carlos Cabecinhas.

A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial portuguesa nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt



D. Manuel Clemente tomou posse do título cardinalício

6.º Congresso da ACEGE



Perdão aos refugiados pelas portas fechadas

O Papa associou-se à celebração do Dia Mundial do Refugiado, que a ONU promove este sábado, pedindo que a comunidade internacional atue de forma “concertada e eficaz” para prevenir as causas das “migrações forçadas”. “Rezemos por tantos irmãos e irmãs que procuram refúgio longe da sua terra, que procuram uma casa onde possam viver sem medo, para que sejam respeitados na sua dignidade”, apelou, durante a

audiência pública semanal na Praça de São Pedro.

“Convido-vos a todos a pedir perdão pelas pessoas e instituições que fecham a porta a estas pessoas que procuram um lar, uma família, que procuram ser protegidos”, prosseguiu.

O Papa deixou uma palavra de encorajamento ao trabalho dos que “levam uma ajuda” às populações refugiadas.

O Dia Mundial do Refugiado



recorda os mais de 50 milhões de pessoas de todo o mundo que foram forçadas a fugir das suas casas por causa da guerra ou de abusos dos direitos humanos, este ano com o lema ‘Os refugiados são pessoas comuns a viver situações extraordinárias’.

O Conselho Português para os Refugiados refere que esta data se assinala em 2015 “num cenário de múltiplos conflitos, com um número crescente de pessoas forçadas a deslocarem-se e uma crescente onda de intolerância e xenofobia em muitas partes do mundo”.

O alto-comissário das Nações Unidas para os Refugiados, António Guterres, fala em números “esmagadores”. “Temos de ter presente que se trata de mães, pais, filhas e filhos. Pessoas que levavam vidas normais antes de a guerra as ter forçado a fugir. Neste Dia Mundial do Refugiado, devemos lembrar o que nos liga a todos - a nossa humanidade”, assinala o responsável português. A data vai ser assinalada este sábado, pelas 21h00, com um sarau cultural no auditório Ângelo Vidal D’Almeida Ribeiro do Centro de Acolhimento para Refugiados (Bobadela).



Francisco aconselha casais em dificuldades

O Papa encontrou-se com mais de 20 mil fiéis da Diocese de Roma na Praça de São Pedro, perante os quais sublinhou a importância das diferenças homem-mulher e aconselhou os casais em dificuldade a pensar nos filhos. “Nunca, nunca falem mal um do outro aos filhos, nunca! Eles são as primeiras vítimas desta luta e – permitam-me a expressão – deste ódio, muitas vezes, entre os dois. Os filhos são sagrados, não lhes façam mal”, pediu, durante a abertura do congresso eclesial da capital italiana.

Francisco sublinhou que é “muito doloroso” quando uma família vive em “tensão”, sem a conseguir resolver, ou numa “fratura” que não se cura. “Um pai e uma mãe têm de o dever de pedir ajuda, por si e pelos filhos”, assinalou, numa intervenção muito aplaudida. “Pensai sempre nos filhos, pensai sempre nos filhos”, referiu ainda. O Papa disse aos presentes que quando a separação parece “inevitável”, a Igreja continua a trazer estes pais “no coração” e a sua missão educativa “não se interrompe”.

“Sois e sereis sempre pais e mães, que não podem viver juntos devido a feridas, problemas. Procurai sempre um acordo, uma colaboração, uma harmonia pelo bem e pela felicidade dos vossos filhos. Por favor, não usem os filhos como reféns”, apelou.

Francisco sustentou que a vocação dos pais se funda na “diversidade bíblica do masculino e feminino”.

“Esta é a primeira e mais fundamental diferença, constitutiva do ser humano. É uma riqueza, as diferenças são riquezas”, disse. O Papa falou a catequistas, sacerdotes, agentes pastorais e sobretudo aos pais, a quem é dedicado particularmente este congresso eclesial.

Francisco defendeu um “renascimento moral e espiritual” para Roma, contraindo o relativismo que faz do Evangelho “uma ideia” sem vida. Nesse sentido, a intervenção alertou contra “colonizações ideológicas” que prejudicam a sociedade e “envenenam a alma e a família”.

Novas medidas contra abusos de menores

O Vaticano anunciou que o antigo núncio na República Dominicana, Józef Wesolowski, vai ser julgado a partir de 11 de julho por abuso sexual de menores e posse de pornografia infantil. A sala de imprensa da Santa Sé informa, em comunicado, que o presidente do Tribunal do Estado da Cidade do Vaticano, Giuseppe Dalla Torre, decidiu levar a julgamento o antigo arcebispo, acolhendo o pedido do promotor de justiça.

“O ex-prelado está acusado de vários delitos cometidos tanto durante a sua estadia em Roma, desde agosto de 2013 até ao momento da sua prisão (22.09.2014), como no período decorrido na República Dominicana, nos cinco anos em que desempenhou o cargo de núncio apostólico (24.01.2008-02.08.2013)”, pode ler-se. Em causa, refere o comunicado, estão “graves acusações” que implicam um “procedimento delicado e articulado”.

Em junho de 2014, a Santa Sé revelou que Józef Wesolowski tinha sido condenado à demissão do estado clerical pela Congregação para a Doutrina da Fé.

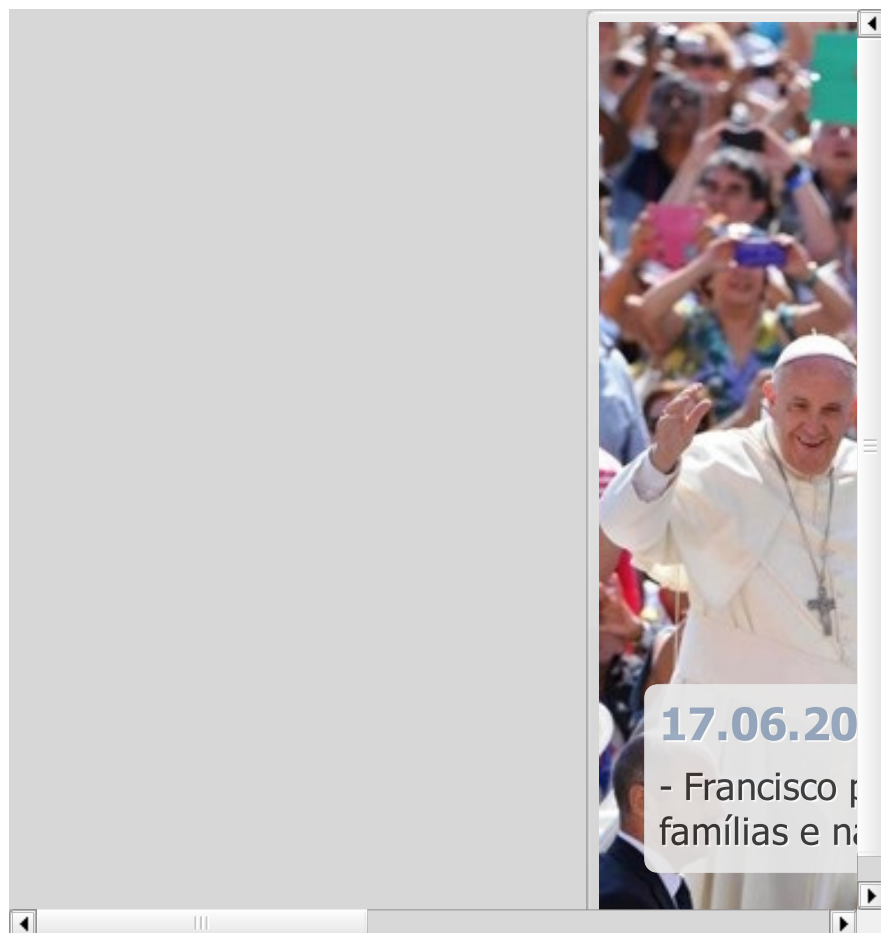
Ainda esta semana, o Papa aceitou a renúncia do arcebispo de São Paulo e Mineápolis, nos Estados Unidos da



América, D. John C. Nienstedt, bem como do seu auxiliar, D. Lee Anthony Piché. A decisão ocorre depois de as autoridades norte-americanas terem acusado a arquidiocese de falhar na proteção de menores, em casos de abusos sexuais por membros do clero. D. John C. Nienstedt emitiu um comunicado no qual assume que renúncia ao cargo para permitir “um novo começo” à comunidade católica, referindo que parte de “consciência tranquila” em relação ao trabalho de “proteção de menores e adultos vulneráveis”. O Vaticano anunciou no último dia 10 que o Papa criou um tribunal na Santa Sé para julgar bispos acusados de ocultar abusos sexuais de menores, no final da décima reunião do conselho consultivo de cardeais.



A Agência ECCLESIA escolhe sete acontecimentos que marcaram a atualidade eclesial internacional nos últimos dias, sempre atualizados em www.agencia.ecclesia.pt



[Papa destaca contributo do escutismo católico](#)

Anúncio da visita do Papa Francisco a África



Apostar em serviços de proximidade, no âmbito da economia solidária



José Luís Gonçalves
Escola Superior
de Educação
de Paula Frassinetti

É inequívoco o recuo do Estado na sua função social de proteção aos mais vulneráveis nos últimos anos. Sem querer aligeirar a responsabilidade que lhe cabe, cremos, todavia, ser chegada a hora de recuperar e aprofundar a diversidade de práticas das últimas décadas no seio da sociedade civil, local e internacional, caracterizada por uma nova geração de iniciativas que prolongam e renovam a economia social-solidária, oferecendo propostas inovadoras neste período de crise capitalista. Sabemos que a economia solidária compreende um modelo diferente de produzir, vender, comprar e trocar o que é preciso para viver com dignidade. Conjuga uma diversidade de práticas económicas e sociais organizadas sob a forma de cooperativas, associações, empresas de autogestão, redes de cooperação, entre outras, que realizam atividades de produção de bens, prestação de serviços, finanças solidárias, trocas, comércio justo e consumo solidário. Aliando a criação de trabalho e a geração de rendimentos à inclusão social, a grande marca que diferencia a economia solidária reside na inversão da lógica capitalista ao se opor à exploração do trabalho considerando o ser humano na sua integralidade como sujeito e finalidade da atividade económica. Trata-se de uma outra forma de cuidar da casa comum... Um dos exemplos deste tipo de cooperação advém da experiência norte europeia dos serviços de proximidade: em períodos de exclusão social

e desemprego foram desenvolvidos serviços que valorizam saberes ligados à prestação de cuidados (apoio aos idosos, dependentes e doentes, cuidar de crianças, sem-abrigo e pessoas em situações de vulnerabilidade). Estas atividades têm valor de cidadania na medida em que fundam um renovado sentido da vida comunitária e desencadeiam um envolvimento que constrói uma identidade através da ação coletiva. Estas atividades cooperativas têm um significado político porque, em vez de cada um resolver individualmente e na esfera privada os problemas do quotidiano, os serviços de proximidade propõem-se tratá-los através da abertura da esfera privada à esfera comunitária.

A partir do momento em que atividades económicas e empreendedoras deste tipo ou de índole semelhante se concretizam como meios ao serviço de objetivos que se devem à solidariedade democrática, a produção destes bens e serviços obedece a uma lógica económica diferente da do mercado: já não é decidida em função da

perspetiva do lucro, mas a partir da sua *adequação e utilidade ao bem comum*. Todavia, quer a definição quer a procura destes benefícios coletivos não atrai investidores privados e a dinâmica de criação assenta na capacidade de mobilizar o *capital humano e social* de uma comunidade. Ora, é exatamente neste ponto que parece residir o segredo da sustentabilidade, do sucesso ou do fracasso da economia solidária: a fragilidade e/ou a força que pode evidenciar o capital social existente numa determinada comunidade. São os habitantes de um determinado espaço comum que constroem a qualidade das suas relações intersubjetivas. Torna-se, assim, necessário encontrar e promover um novo paradigma de intervenção assente na solidariedade entre aqueles que assumem a interdependência social e a responsabilidade mútua - isto é, criar a faculdade de solicitude e de resposta face a outrem - como uma exigência ética e antropológica de primeira grandeza.

Ecoencíclica para o cotidiano



Paulo Rocha
Agência ECCLESIA

Esta é a semana para acolher um documento prometido há muitas, exige outras tantas para ser lido e muitas mais para ser assimilado e sobretudo concretizado.

Aos apelos de muitos líderes mundiais, onde se inclui o próprio Papa, dispersos e por vezes ditos à margem de qualquer acontecimento, o dever de “cuidar da casa comum” é afirmado por Francisco num formato de “Carta Encíclica”, o documento mais relevante que qualquer Papa pode escrever, inserindo-o no Magistério da Igreja que, após os Livros Sagrados, constitui a referência essencial para concretizar a experiência crente no catolicismo, em cada tempo.

“Laudato si’, mi’ Signore” (“Louvado sejas, meu Senhor”) é uma “Carta da Terra”, onde o Papa convida todos “a começar de novo deixando para trás uma etapa de autodestruição”.

Claro que facilmente podemos fixar slogans, rapidamente referenciados e replicados em “soundbites” ou “tweets” que a mediatização atual coloca em picos de audiência (com o perigo de ficar por aí). Até porque as quase 200 páginas do documento estão preenchidas por muitas frases fortes, do início ao fim do texto, tanto no diagnóstico científico como no enquadramento bíblico e teológico do tema da defesa da criação; e ainda mais quando dirige propostas a diferentes setores da sociedade que alterem a forma de “cuidar da casa comum”.

Entre todas, creio que devemos fixar o que está ao alcance de cada um, para o hoje, para um já!



Neste, como em todos os problemas, de pouco adiantam discussões em torno do que outros podem fazer se não se começa pelo que eu devo fazer. E são muitas as propostas para o comportamento do dia-a-dia.

Francisco não quer “formar” consciências, mas mudar “hábitos de vida” porque, como escreve o Papa, “é muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida”.

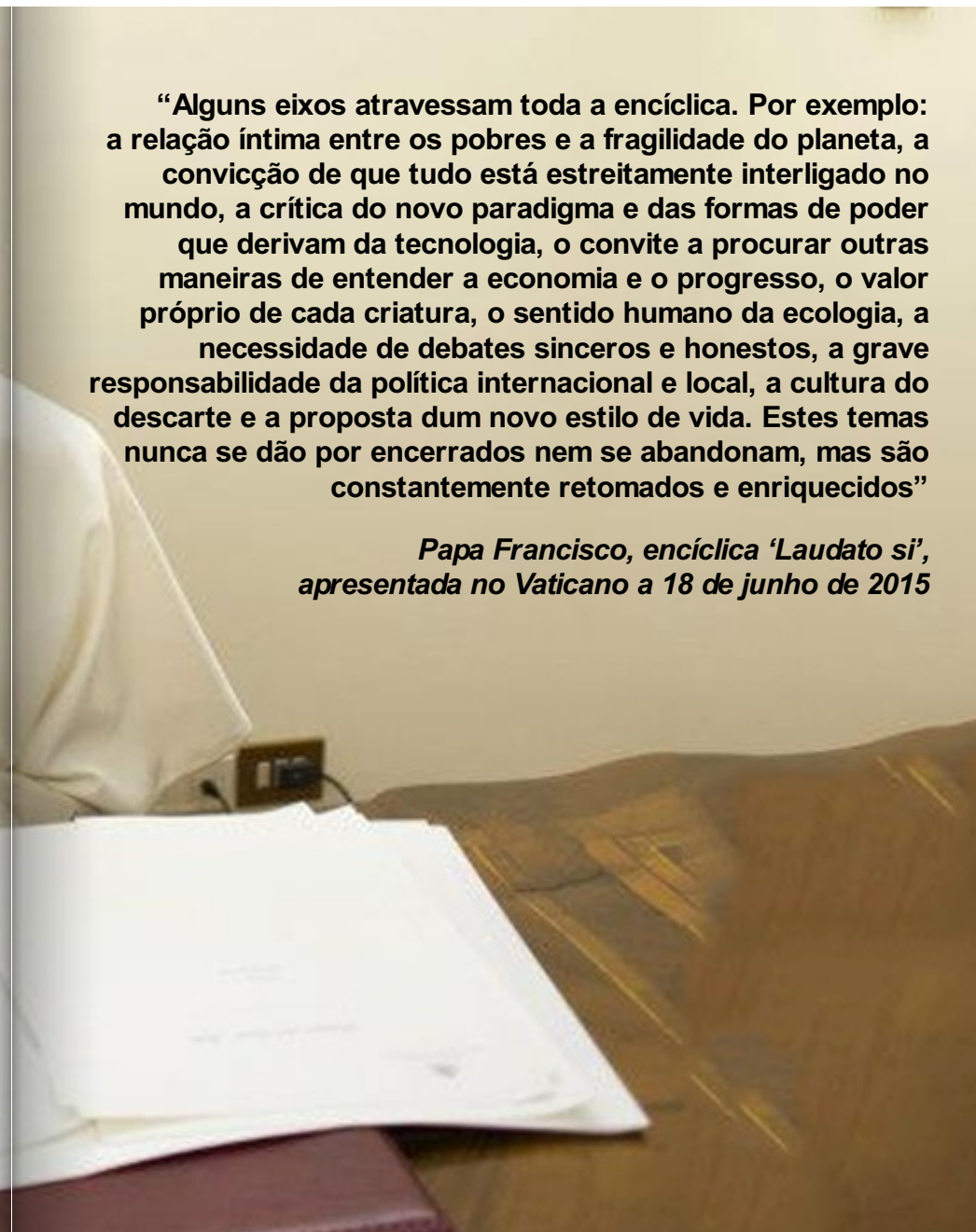
O que sugere então o Papa? Simplesmente: “evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com cuidado os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias...”

Vou por aqui... Por mais uma razão: “não se pense que estes esforços são incapazes de mudar o mundo”. Esta frase também está na ecoencíclica para o quotidiano...



“Alguns eixos atravessam toda a encíclica. Por exemplo: a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta, a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo, a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia, o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso, o valor próprio de cada criatura, o sentido humano da ecologia, a necessidade de debates sinceros e honestos, a grave responsabilidade da política internacional e local, a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida. Estes temas nunca se dão por encerrados nem se abandonam, mas são constantemente retomados e enriquecidos”

***Papa Francisco, encíclica ‘Laudato si’,
apresentada no Vaticano a 18 de junho de 2015***





Alerta perante aquecimento global e alterações climáticas

O Papa propõe na sua nova encíclica 'Laudato si', apresentada hoje, uma mudança de fundo na relação da humanidade com o meio ambiente, alertando para as consequências já visíveis do aquecimento global e das alterações climáticas. "As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, económicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade", escreve Francisco, que assina o primeiro documento do género inteiramente dedicado a questões ecológicas.

O texto fala numa "raiz humana" da crise ecológica, que o Papa diz ser possível superar, entre outras medidas, "substituindo os combustíveis fósseis e desenvolvendo fontes de energia renovável".

Francisco considera que há "um consenso científico muito consistente" a respeito do "preocupante aquecimento do sistema climático", acompanhado por um aumento do nível do mar, "sendo difícil não o relacionar ainda com o aumento de

acontecimentos meteorológicos extremos".

Nesse sentido, o novo documento contesta um modelo de desenvolvimento baseado no "uso intensivo de combustíveis fósseis", que está no centro do sistema energético mundial. "A tecnologia baseada nos combustíveis fósseis – altamente poluentes, sobretudo o carvão mas também o petróleo e, em menor medida, o gás – deve ser substituída, progressivamente e sem demora", apela.

O Papa argentino defende ainda a necessidade de uma redução de gases com efeito de estufa, o que "requer honestidade, coragem e responsabilidade, sobretudo dos países mais poderosos e mais poluentes".

A encíclica admite que há outros fatores que contribuem para as alterações climáticas, mas recorre a conclusões de "numerosos estudos científicos" para sustentar que "a maior parte" do aquecimento global se deve "à alta concentração de gases com efeito de estufa", emitidos sobretudo "por causa da atividade humana".



"As previsões catastróficas já não se podem olhar com desprezo e ironia", avisa Francisco, para quem o atual ritmo de "consumo, desperdício e alteração do meio ambiente" é insustentável e vai "desembocar em catástrofes".

Face ao atual debate na comunidade científica e política, o Papa propõe que se siga o "princípio de precaução", que permite a proteção dos mais fracos, com "poucos meios para se defender e fornecer provas irrefutáveis".

A encíclica com 246 números, divididos em seis capítulos, fala da "relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta" e lança várias críticas a um

"novo paradigma e formas de poder que derivam da tecnologia", desafiando a comunidade internacional a "procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso". Francisco convida a reconhecer "o valor próprio de cada criatura", o "sentido humano da ecologia", e considera que face a temas tão complexos existe a necessidade de "debates sinceros e honestos".

O Papa recorda "a grave responsabilidade da política internacional e local", condenado o aborto e a "cultura do descarte", num texto que apresenta a proposta dum "novo estilo de vida" para a humanidade.



Francisco condena aborto e manipulação de embriões

A encíclica 'Laudato si' sublinha que a preocupação pelo meio ambiente tem de estar "unida ao amor sincero pelos seres humanos" e a um compromisso social. "Quando, na própria realidade, não se reconhece a importância dum pobre, dum embrião humano, dum pessoa com deficiência – só para dar alguns exemplos –, dificilmente se saberá escutar os gritos da própria natureza. Tudo está interligado", explica o Papa.

Segundo Francisco, "uma vez que tudo está relacionado", também não é compatível a defesa da natureza com a apologia do aborto ou de "experiências com embriões humanos vivos".

"Não parece viável um percurso educativo para acolher os seres frágeis que nos rodeiam e que, às vezes, são incómodos e inoportunos, quando não se dá proteção a um embrião humano ainda que a sua chegada seja causa de incómodos e dificuldades", escreve, num documento que liga a ecologia ambiental à ecologia humana. "A própria vida humana é um dom

que deve ser protegido de várias formas de degradação", pode ler-se. O Papa insurge-se contra o que classifica como "esquizofrenia permanente" e "exaltação tecnocrática", que não reconhece aos outros seres um valor próprio, chegando a "negar qualquer valor peculiar ao ser humano". "Pensando no bem comum, hoje precisamos imperiosamente que a política e a economia, em diálogo, se coloquem decididamente ao serviço da vida, especialmente da vida humana", apela.

Francisco entende que "um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza" só pode ser verdadeiro "se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos".

O Papa critica a "a compra de órgãos dos pobres com a finalidade de os vender ou utilizar para experimentação" bem como "o descarte de crianças porque não correspondem aos desejos dos seus pais".

A encíclica coloca a Igreja do lado contrário de quem acredita que o planeta está sobrepovoado ou defende um controlo populacional, criticando "pressões internacionais sobre os países em vias de desenvolvimento, que condicionam as ajudas económicas a determinadas políticas de 'saúde reprodutiva'". "Em vez de resolver os problemas dos pobres e pensar num mundo diferente, alguns limitam-se a propor

uma redução da natalidade", lamenta o Papa. Francisco considera preocupante constatar que alguns movimentos ecologistas defendem a integridade do meio ambiente, mas não aplicam estes mesmos princípios à vida humana. "Esquece-se que o valor inalienável do ser humano é independente do seu grau de desenvolvimento a ligação íntima que há entre Deus e todos os seres vivos", afirma.





Papa cita bispos portugueses em defesa das gerações futuras

O Papa Francisco cita os bispos portugueses na sua nova encíclica, para defender uma maior solidariedade com as gerações futuras. “As crises económicas internacionais mostraram, de forma atroz, os efeitos nocivos que traz consigo o desconhecimento de um destino comum, do qual não podem ser excluídos aqueles que virão depois de nós”, escreve.

Segundo o pontífice argentino, não se trata duma “atitude opcional” mas duma “questão essencial de justiça”, pois a terra pertence também “àqueles que hão de vir”. “Os bispos de Portugal exortaram a assumir este dever de justiça: «O ambiente situa-se na lógica da receção. É um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte»”, refere



Francisco, citando a carta pastoral “Responsabilidade solidária pelo bem comum”, publicada pela Conferência Episcopal Portuguesa em 2003.

O Papa sustenta que “já não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem uma solidariedade intergeracional”.

Nesse sentido, a encíclica fala numa lógica nova, “do dom gratuito”, na relação com o planeta. “Se a terra nos é dada, não podemos pensar apenas a partir dum critério utilitarista de eficiência e produtividade para lucro individual”, precisa.

Francisco recorda também o princípio da “subordinação” da propriedade privada ao “destino universal

dos bens”, pelo que o direito universal ao seu uso é uma “regra de ouro” do comportamento social. “O meio ambiente é um bem coletivo, património de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para a administrar em benefício de todos. Se não o fizermos, carregamos na consciência o peso de negar a existência aos outros”, explica. Francisco propõe uma “cidadania ecológica”, para mudar “hábitos nocivos” de consumo e comportamentos “suicidas” da humanidade, rumo a uma “corajosa revolução cultural”.

“A educação na responsabilidade ambiental pode incentivar vários comportamentos que têm incidência direta e importante no cuidado do meio ambiente, tais como evitar o uso de plástico e papel, reduzir o consumo de água, reciclar o lixo, cozinhar apenas aquilo que razoavelmente se poderá comer, tratar com desvelo os outros seres vivos, servir-se dos transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias”.



Um Papa em luta contra ditadura da finança, da tecnologia e do mercado

O Papa defende que os direitos e necessidades das populações estão acima dos interesses financeiros e do mercado, criticando o “paradigma tecnocrático” nas sociedades atuais. “A política não deve submeter-se à economia e esta não deve submeter-se aos ditames e ao paradigma eficientista da tecnocracia”, escreve na ‘Laudato si’. Sobre o cuidado da casa comum

Francisco adverte para as consequências deste paradigma sobre a economia e a política, gerando decisões “em função do lucro” e permitindo que as “forças invisíveis do mercado regulem a economia”. “A finança sufoca a economia real. Não se aprendeu a lição da crise financeira mundial e só muito lentamente se aprende a lição da degradação ambiental”, adverte.

Neste sentido, o Papa argentino sustenta que “a salvação dos bancos a todo o custo”, fazendo pagar o preço à população, sem a contrapartida de uma reforma do sistema, apenas “reafirma um domínio absoluto

da finança que não tem futuro e só poderá gerar novas crises”. Francisco deixa várias críticas ao “mecanismo consumista” promovido por um paradigma “tecnoeconómico” e afirma que “o mercado, por si mesmo” não garante “desenvolvimento” ou “inclusão social”.

“A aliança entre economia e tecnologia acaba por deixar de fora tudo o que não faz parte dos seus interesses imediatos”, observa, apontando o dedo à “ganância desenfreada” e ao “princípio da maximização do lucro”.

O novo documento fala no crescimento “ganancioso e irresponsável” das últimas décadas, fundado na ideia dum “crescimento infinito ou ilimitado, que tanto entusiasmou os economistas, os teóricos da finança e da tecnologia”. Francisco denuncia “a mentira” da disponibilidade “infinita” dos bens do planeta, acusando os poderes económicos de continuarem a justificar o atual sistema mundial, onde predomina a “especulação” sem respeito pela dignidade humana ou o meio ambiente. “Assim se manifesta



como estão intimamente ligadas a degradação ambiental e a degradação humana e ética”, assinala. O Papa sublinha que a humanidade tem sido capaz de promover um desenvolvimento tecnológico e económico, mas entende que, se o mesmo não deixar “um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior”, não se pode considerar como “progresso”. O pontífice argentino liga a crise ecológica à crise moral e à “cultura do relativismo”, antes de apelar a novos estilos de vida e refutar “uma

conceção mágica do mercado”. “Não se pode justificar uma economia sem política”, sustenta. Francisco entende que para lá da possibilidade de “terríveis fenómenos climáticos ou de grandes desastres naturais”, a humanidade tem também de estar atenta a “catástrofes resultantes de crises sociais”. “A obsessão por um estilo de vida consumista, sobretudo quando poucos têm possibilidades de o manter, só poderá provocar violência e destruição recíproca”, avisa.



Clamor dos pobres e dívida ecológica

O Papa afirma na sua nova encíclica que as preocupações ecológicas têm de estar ligadas à promoção de uma maior justiça social a nível global. “Uma verdadeira abordagem ecológica torna-se sempre uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres”, escreve.

O Papa dá voz aos pobres de hoje, “que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar”. A encíclica pede uma maior “ética” nas relações internacionais e fala numa “dívida ecológica”, particularmente entre o Norte e o Sul, que exige respostas de “solidariedade” numa “opção preferencial pelos mais pobres”. “É necessário que os países desenvolvidos contribuam para resolver esta dívida, limitando significativamente o consumo de energia não renovável e fornecendo recursos aos países mais necessitados”, apela. O Papa refere que os países em vias de desenvolvimento, “onde se

encontram as reservas mais importantes da biosfera”, continuam a alimentar o progresso dos países mais ricos. Nesse sentido, alerta para a “deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade”, que afeta de modo especial “os mais frágeis do planeta”.

“Já se ultrapassaram certos limites máximos de exploração do planeta, sem termos resolvido o problema da pobreza”, alerta.

Francisco recorda que milhões de seres humanos se “arrastam numa miséria degradante”, enquanto outros “não sabem sequer que fazer ao que têm”, concluindo, por isso, que “o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspetos, um verdadeiro progresso integral”.

O novo documento observa que o aquecimento causado pelo “enorme consumo” de alguns países ricos tem repercussões nos lugares mais pobres da terra, especialmente na África. “Chegou a hora de aceitar um certo decréscimo do consumo nalgumas partes do mundo, fornecendo recursos para que se possa



crescer de forma saudável noutras partes”, defende.

A este respeito, recorda os problemas ligados à poluição da água e às doenças que lhe estão relacionadas, “um fator significativo de sofrimento e mortalidade infantil”.

A encíclica conclui-se com duas orações redigidas por Francisco, numa das quais se reza pelos “donos do poder e do dinheiro para que não caiam no pecado da indiferença, amem o bem comum, promovam os fracos, e cuidem deste mundo”.



Todas as notícias sobre a encíclica disponíveis numa secção especial do portal ECCLESIA, em <http://ecclesia.pt/laudatosi/>



Laudato Si. “Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada” (LS §67)

Laudato si. Sobre o cuidado da casa comum (24 de maio de 2015) é a primeira encíclica do papa Francisco, inteiramente escrita por si e a primeira encíclica papal inteiramente dedicada à ecologia. Foi hoje, dia 18 de junho, apresentada publicamente no Vaticano. Enfim, o documento aí está, disponível. Só o tempo dirá o real impacto que pode ter ao nível planetário, ao nível das religiões, ao nível das culturas, ao nível da política internacional, ao nível das políticas locais, ao nível da natureza e do ambiente, das sociedades, dos modelos educativos, dos estilos de vida, das consciências pessoais e do modo como habitamos a casa cósmica comum. A pertinência é indiscutível. Converte, de modo proactivo, com as múltiplas agendas mundiais, das quais destacamos a conferência da ONU sobre o clima que terá lugar em Paris no próximo mês de Dezembro e a agenda do próprio planeta terra que não esconde mais os profundos e dramáticos desequilíbrios ecológicos que o mantêm em agonia. Virá o tempo da reflexão, porque

é preciso tempo. Por enquanto, é tempo de saudação. É tempo de dizer a Francisco: *Laudato si*, Papa, pela fé, pela coragem, pela paixão, pela lucidez, pelo discernimento, pela sensibilidade, pela responsabilidade, pela palavra terna, delicada, severa, justa, encarnada, livre, democrática, “jubilosa e dramática” (§246) com que se exprime. É tempo de agradecer o “estupendo” presente que acaba de oferecer ao mundo. Agradecemos e, conosco e através de nós, a natureza e o ambiente agradece. É inegável o caráter performativo do texto. Mesmo uma leitura superficial provoca um sobressalto que, penso, se tornará um sobressalto ecológico planetário. É uma encíclica “inconveniente” para “muitos aprendizes de feiticeiro” – e até neste aspeto é salutar pelo eventual sobressalto que provoque no alienado mundo tecnocrata – e não deixará ninguém indiferente. Agora que temos esta leitura ecológica crente sentimos, ainda mais, a falta que nos tem feito e como o silêncio católico se foi tornando embaraçoso, pese embora as importantes



intervensões, nesta matéria, dos antecessores do Papa Francisco, particularmente João Paulo II e Bento XVI. Doravante, no tempo e no pensamento haverá um marco: antes da encíclica *Laudato Si* e depois da encíclica *Laudato Si*. Torna-se um marco singular e daqui para a frente incontornável no Magistério Social da Igreja e nas agendas mundiais e locais: políticas, ecológicas, culturais, sociais e pessoais.

Primeiras impressões :

– *Laudato Si* é uma **encíclica ecuménica** (*oikoumene-oikos-casa*), no mais próprio sentido da palavra. É um documento com alcance universal, que pretende abrir diálogo explicitamente com todos os cidadãos do mundo, para lá das religiões, das geografias, das políticas e das culturas: “Nesta encíclica, pretendo especialmente entrar em diálogo com todos acerca da nossa casa comum”



(LS §3). E porque “a maior parte dos habitantes do planetas declaram-se crentes, isto deveria levar as religiões a estabelecer diálogo entre si” (§201). É de referir o destaque explícito dado ao pensamento do Patriarca Ecuménico Bartolomeu (§ 8-9).

– *Laudato Si* é uma **encíclica democrática**. O que mais chama a atenção é o método de construção

do documento seguido pelo Santo Padre e que transparece nas fontes identificadas e numa ou outra observação que faz. Para além de um vasto leque de especialistas num vasto leque de áreas do saber e do pensamento, Francisco escuta e valoriza os numerosos contributos dos Episcopados de vários continentes. Vale a pena o exercício de os nomear: Bispos católicos da África do Sul, Episcopado Latino Americano e do Caribe, Bispos católicos das Filipinas, da Bolívia, da Alemanha, do Canadá, Bispos da região da Patagónia -Comahue, Conferência Episcopal

do Canadá, Bispos católicos do Japão, Bispos do Brasil, Conferência episcopal do Paraguai, da República Dominicana, da Nova Zelândia, da Argentina, Federação das Conferências Episcopais da Ásia, Conferência Episcopal Portuguesa, da Bolívia, do México e a Conferência dos Bispos Católicos da Austrália. É uma **encíclica democrática** também no apelo à ação, que dirige a todos os cidadãos do mundo e na confiança que expressa na sua capacidade. Toda a família humana é chamada a uma nova consciência e a uma solidariedade mais profunda em favor do ambiente. Porque a questão ecológica diz respeito a todos,

afeta a todos e solicita todos para uma tomada de consciência prática daquilo que, como indivíduo e como comunidade, me é devido fazer, me é possível fazer e decido fazer: “A sociedade, através de organismos não governamentais e associações intermédias, deve forçar os governos...” (§179); “importante que o ponto de vista dos habitantes do lugar contribua...” (§150); “se os cidadãos não controlam o poder político – nacional, regional e municipal – também não é possível combater os danos ambientais” (§180). Em suma, convida a todos a “renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta (§14) e a “avançar numa corajosa revolução cultural” (§114) “que implicará longos processos de regeneração” (§202).

É uma **encíclica democrática**, ainda, na medida em que dá voz à criação –



a todas as criaturas, do mais gigantesco mamífero ao mais ínfimo fungo ou pequeno inseto, e convida os humanos à escuta e à contemplação das criaturas (§34, §84) e à leitura do “livro estupendo” que Deus escreveu (§85).

– *Laudato Si* é um **manifesto de “vida boa”** para todas as criaturas. É um manifesto de não resignação e de não passividade. É um manifesto de responsabilidade: “o destino comum obriga-nos a procurar um novo início” (§207). Francisco aparece aqui como embaixador da criação – de todas as criaturas, sem exceção.

– *Laudato Si* é um **evangelho da criação**. Denuncia “o pecado” do mundo em todos os seus estados, chama-os pelo nome, identifica os abismos e os males e apela à mobilização do mundo para cuidar com coração inteligente “da casa comum” e torná-la um lar para todas as criaturas. De certo modo, este documento vem quebrar o

círculo infernal da tecnocracia, da ditadura económica, da alienação consumista, da voracidade incontrolável do lucro, do benefício, do ter sempre mais, da insensibilidade da razão e da anestesia do pensamento crítico. Vem dizer que há mais vida e possibilidade de melhor vida fora da engrenagem deste lado *Abominável do Mundo Novo*. Vem dizer que há um bem maior – o bem comum (§93-95) – e que deve ser o princípio do bem comum que deve presidir e inspirar o nosso modo de habitar o mundo. **Evangelho da criação**, ainda, porque comporta também o anúncio feliz da confiança no humano, no universo e em Deus: “como é maravilhosa a certeza de que a vida de cada pessoa não se perde num caos desesperador...” (§65). De qualquer modo, aqui e ali, haverá sempre focos de “humanidade autêntica” como “promessa permanente que, apesar de tudo, desabrocha, como uma obstinada resistência daquilo que é autêntico” (§112), ajudando a que o mundo não se transforme num eterno mistério doloroso.

– *Laudato Si* é uma **lição de sapiência ecológica**, pensada num formato

pedagógico. Francisco não se poupa e não nos poupa ao traumatismo do encontro com a vulnerabilidade da nossa casa comum e com a vulnerabilidade de cada uma das criaturas que nela habitam. Para que não mais sejamos “testemunhas mudas” (*O que está a acontecer à nossa casa*, §20-61).

À Mulher, mãe de Jesus, Francisco chama “A rainha de toda a criação” (§41-242). Muito ainda se dirá sobre esta realeza. Por enquanto, registro a minha sintonia com esta nomeação e com o reconhecimento do Papa, expresso noutro contexto: “Maria é aquela que sabe transformar um curral de animais na casa de Jesus, com uns pobres paninhos e uma montanha de ternura” (*Evangelii Gaudium* §286). Gostaria de ter visto este pensamento recuperado para a presente encíclica porque, parece-me, é a síntese perfeita do sentido de uma ecologia integral.

Isabel Varanda
Professora de Teologia, UCP



Nem eco nem verde: uma encíclica social

É o próprio Santo Padre quem melhor explica o processo de “nascimento” da encíclica ‘Laudato si’:

“O primeiro projeto fê-lo o cardeal Turkson com a sua equipa. Depois eu, com a ajuda de alguns, peguei-lhe e trabalhei nele. Em seguida, com alguns teólogos, fiz um terceiro projeto, enviando cópia à Congregação para a Doutrina da Fé, à segunda secção da Secretaria de Estado e ao teólogo da Casa Pontifícia, pedindo que o estudassem bem para não dizer «tolices». Há três semanas, recebi as respostas, algumas muito longas, mas todas construtivas. E agora vou reservar uma semana inteira de março para a concluir. Creio que, no final de março, estará concluída, passando-se às traduções. Penso que, se o trabalho de tradução correr bem (...) em junho/julho poderá sair” (15.01.15)

O “pai” da encíclica, portanto, é claramente o Papa Francisco. O processo foi de diálogo e de consulta, de escrita e rescrita. As notas de rodapé testemunham os muitos e variados contributos, desde os seus predecessores São João Paulo II e o Papa emérito Bento XVI, passando

por muitas Conferências Episcopais, bem como o “amado” patriarca Bartolomeu, a pensadores e escritores, tanto antigos como modernos. Além de todos os que contribuíram, de editores e revisores, também há tradutores e outras pessoas envolvidas no processo de dar a sua forma final ao texto. Que o Senhor, que conhece a todos pelo nome, os abençoe generosamente pelos seus esforços.

A encíclica reúne, por isso, o pensamento do Papa Francisco, que já foi manifestado na sua primeira homilia enquanto pontífice, a 19 de março de 2013, com os contributos de bispos e conferências episcopais, teólogos e cientistas, tradição ecuménica e contribuições ecuménicas.

O significado de ‘Laudato si’ não é primeiramente o de “ecologia católica”. Em vez disso, é a mais recente da série de encíclicas que desenvolveram a Doutrina Social da Igreja desde a ‘Rerum Novarum’ do Papa Leão XIII, em 1892. De facto, a ‘Laudato si’ pode ser lido como a ‘Rerum Novarum de 2015’. Como as anteriores encíclicas sociais, lança a luz eterna do



Evangelho, da fé cristã, sobre as circunstâncias desafiantes e em mudança dos nossos temas. É a Igreja procurando evangelizar o Povo de Deus, ao enfrentarmos as maiores dificuldades, os mais difíceis obstáculos, na nossa jornada rumo “à vida, à vida em plenitude” (Jo 10,10).

Por conseguinte, ‘Laudato si’ não é “eco” ou “verde”. Em vez disso, com o seu ponto de partida nas questões mais prementes da degradação

ambiental, procura guiar-nos rumo a uma “conversão ecológica” dos nossos pecados de autorreferencialidade que destroem tanto a solidariedade com outros povos como a custódia do nosso lar comum. ‘Laudato si’ encaminha-nos para viver numa maior harmonia com Deus, connosco mesmos, com o nosso vizinho e com a terra.

*Padre Michael Czerny S.J.
Gabinete do presidente, Conselho
Pontifício Justiça e Paz*



Todos - Relação, Todos-Comunhão

Partilho-vos um pouco “a quente” a minha reação à Eco Encíclica do Papa Francisco dedicada ao “cuidado da nossa casa comum”: **é para todos**. E não podia deixar de ser, pois *todos* habitamos nela. Desde o início da Encíclica que o Papa pretende entrar em diálogo com todos.

A questão ambiental é uma questão de relacionamentos e o Papa não se cansa de recordar sistematicamente ao longo de toda a Encíclica que “tudo está interligado” neste planeta. O Papa interliga ciência, política, economia, direito, teologia, filosofia, na tentativa de juntar as peças do puzzle da realidade complexa em que vivemos. Nesse sentido, Francisco não se inibe de tecer algumas observações úteis (e por vezes assertivas) em relação à política e à economia, chamando à atenção a evidência da necessidade de agir, em vez de discursar inconsequentemente.

É impressionante a quantidade de assuntos científicos, sociais e políticos que o Papa refere, o que me levou a pensar ... mas como sabe ele de todas estas interações entre alterações climáticas, perda da biodiversidade, acesso a água potável, e respetivas

implicações sociais, económicas e pessoais? Cedo percebi. Basta olhar para as referências. Não creio que alguém tivesse ideia de como a Igreja Católica tem-se pronunciado há décadas sobre estas questões através das Conferências Episcopais em diversos países, Comissões de Justiça e Paz, Mensagens pelo Dia Mundial da Paz, Encíclicas, Cartas Apostólicas, entre outras.

Gostaria de salientar diversos pontos que merecem a nossa reflexão em direção à ação.

9 Eixos principais da Encíclica definido pelo Papa:

1. a relação íntima entre os pobres e a fragilidade do planeta,
2. a convicção de que tudo está estreitamente interligado no mundo,
3. a crítica do novo paradigma e das formas de poder que derivam da tecnologia,
4. o convite a procurar outras maneiras de entender a economia e o progresso,
5. o valor próprio de cada criatura,
6. o sentido humano da ecologia,
7. a necessidade de debates sinceros e honestos,



8. a grave responsabilidade da política internacional e local,
9. a cultura do descarte e a proposta dum novo estilo de vida.

Dimensão litúrgica do relacionamento com o mundo natural ... Tudo o que destrói a diversidade biológica da criação de Deus, tudo o que compromete a integridade dos ecossistemas, tudo o que contribui para as alterações

climáticas gerando desequilíbrios ecológicos são *pecados*, pois, um crime contra a natureza é um crime contra nós mesmos e contra Deus.

Raízes éticas e espirituais ... Não só devemos procurar soluções tecnológicas, mas também na ética e na vida espiritual, dada a exigência de mudar as mentalidades se quisermos mudar alguma coisa nos nossos comportamentos. Algo que implica



passar do “consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha”, recordando que - como Cristãos - somos chamados a “aceitar o mundo como sacramento de comunhão”.

Mente aberta ... Só com uma mente que se abre também às categorias que vão para além da linguagem das ciências exatas, ou da biologia, é possível unir-nos à essência daquilo que significa ser humano. Uma mente que se abre ao deslumbramento e maravilha do mundo natural, que convida a falarmos a linguagem da fraternidade - à semelhança do Cântico das Criaturas de S. Francisco - e a desenvolver a beleza da nossa relação com o mundo.

Atenção aos mais pobres ... Há uma ligação íntima entre a “pobreza ambiental” - diria - e o “pobre do

mundo”, de tal modo que precisamos de aprender a escutar tanto o grito da terra quanto o grito dos pobres. A partir da análise do Papa Francisco, ficamos com a impressão de que poderíamos associar a degradação ambiental à imagem da pobreza, e consequentemente, se essa existe, existem também pessoas que são levadas à pobreza. Esta ligação convida-nos a uma nova *solidariedade universal* que inclua as pessoas e o ambiente quando na sua interação constituem uma realidade só de sofrimento e pobreza.

Virtualização dos relacionamentos ... O Papa nota que atualmente estamos a substituir os relacionamentos reais com relacionamentos virtuais, gerando “emoções virtuais”, impendido “o contato direto com a angústia, a trepidação, a alegria do outro e com a complexidade da sua experiência

peçoal”. Esta “poluição mental” exige a “verdadeira sabedoria” que não se adquire através de uma mera acumulação de dados, mas com experiências autênticas de relacionamentos pessoais com os outros.

Vocação tríptica do ser humano ... Através da leitura adequada do Livro do Génesis, damos-nos conta de que a existência humana assenta sobre três tipos de relação fundamentais: i) relação com Deus; ii) relação com o próximo; iii) relação com a terra. Nesta última, o sentido da pertença e do lugar faz parte da nossa identidade, logo, qualquer crise ecológica pode levar a uma crise de identidade, de interioridade, de espiritualidade. No livro do Génesis, quando fala da vertente vocacional do relacionamento com a terra, usa-se

duas palavras: cultivar e guardar. A última - *guardar* - significa preservar, conservar, vigiar, logo, implica uma relação de *reciprocidade responsável* entre o ser humano e a natureza. Ou seja, para o crente, um relacionamento saudável com o meio ambiente é uma forma inegável de viver a sua fé e de responder ao chamamento de Deus.

Mistério do Universo ... A criação de Deus corresponde a um projeto de amor, não a um design de Deus sobre o mundo. Como projeto de amor, a criação é um dom de Deus, uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma *comunhão universal e sublime*. Enquanto que a ciência nos ajuda a compreender a forma como o Universo funciona, onde cada descoberta é como se fosse a escuta de uma palavra pronunciada por Deus,

Foto: Miguel Cupido



será depois a fé que permite interpretar o significado e a beleza misteriosa de tudo o que se “escuta”. A fé leva-nos a aprender o Universo como uma linguagem através da qual Deus nos fala. Aqui, numa interação criativa entre ciência e fé se conjuga inteligência e amor, de tal modo que o ser humano sente-se chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador. É aquilo a que pessoas, como o Metropolitano John Zizioulas, chamam de vocação do Homem a ser Sacerdote da Criação.

Mudar o mundo através do quotidiano ...

Quando pensamos em toda a complexidade associada à dimensão ecológica da nossa vida, podemos sentir uma sensação de

pequenez e
impotência,
questionado: o que
posso
eu fazer? Toca-me
quando
o Papa expressa-
o de
forma tão simples e
eficaz

ao dizer “*é muito nobre assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias, e é maravilhoso que a educação seja capaz de motivar para elas até dar forma a um estilo de vida.*”

Convidando a “*voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de o desperdiçar rapidamente pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade.*” É a forma de concretizar o que o Papa Francisco chamou de *Ecologia Integral*, pois, “*uma ecologia integral é feita também de simples gestos quotidianos, pelos quais quebramos a lógica da violência, da exploração, do egoísmo*”. Ou seja, fazer do quotidiano uma oportunidade de realizar pequenos atos de amor que mudam verdadeiramente o mundo, destacando a família como um lugar privilegiado para desenvolver este estilo de vida feito de pequenas coisas que fazem a diferença, não de coisas pequenas que nos tornam indiferentes.

Todos-Relação: somos seres-em-relação, por isso, se não mantivermos um relacionamento correto com o próximo, que pode ser uma outra pessoa, ou o ambiente, destruímos a relação interior que temos com Deus,

os outros e a terra. A tal ponto que se estas relações são descuidadas, a vida está em perigo. Tudo está em relação com tudo. Cuidar das nossas relações com a natureza é inseparável da fraternidade, da justiça e da fidelidade no confronto com os outros. Daí o apelo de novo a uma conversão ecológica que deve ser comunitária, pois “*o cuidado da natureza faz parte dum estilo de vida que implica capacidade de viver juntos e de comunhão*” e “*o amor fraterno só pode ser gratuito*”, logo, “*esta mesma gratuidade leva-nos a amar e aceitar o vento, o sol ou as nuvens, embora não se submetam ao nosso controle. Assim podemos falar duma fraternidade universal*”. Será que neste contexto podemos falar também de *família da criação*?

Tudo culmina, por fim, em Deus-Trindade. Na reflexão do Papa encontrei a síntese daquilo que muitos de nós temos estudado e aplicado ao desenvolvimento de uma ética ecológica de base Cristã: “*Para os cristãos, acreditar num Deus único que é comunhão trinitária, leva a pensar que toda a realidade contém em si mesma uma marca propriamente trinitária*”. Qual é,

então, a esta marca?

A relacionalidade.

A comunhão.

Ou seja, quando contemplamos o mundo natural com o olhar da fé deveríamos ver a etiqueta que diz “MADE IN TRINITY”. Faz-me recordar uma proposta de reflexão que fiz em estudos, onde uma forma de superar o **Antropocentrismo** ou **Biocentrismo** seria um **Comuniocentrismo** - enfim, um ABC para a reflexão ética ecológica. Mas ...

... falta a cereja em cima do bolo: “*Na verdade, a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas. Assim assume na própria existência aquele dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela desde a sua criação. Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade.*” Foi aqui que me comovi ... é a vocação sublime do ser humano ... ser-comunhão.

Miguel Oliveira Panão
Professor universitário

Foto: Miguel Cupido



Momento chave para o desenvolvimento

A Cáritas Internacional sublinhou a importância da encíclica 'Laudato si', por abordar questões ecológicas centrais para a humanidade. "A encíclica do Papa Francisco chega num momento-chave para o desenvolvimento. A Cáritas espera nos dê todo o ímpeto e a inspiração necessária para alcançar a transformação da mudança climática à mudança pessoal e política. Em meados dos anos 80 não sabíamos se íamos ser eliminados da terra a qualquer momento", escreve Michelle Hough, da Cáritas Internacional.

Nesse sentido, refere que passados 30 anos a bomba que caiu "não é nuclear mas climática", com eventos extremos como "o aumento do nível do mar, o degelo da calote polar e as pessoas que cada vez se tornam sem-abrigo e passam fome".

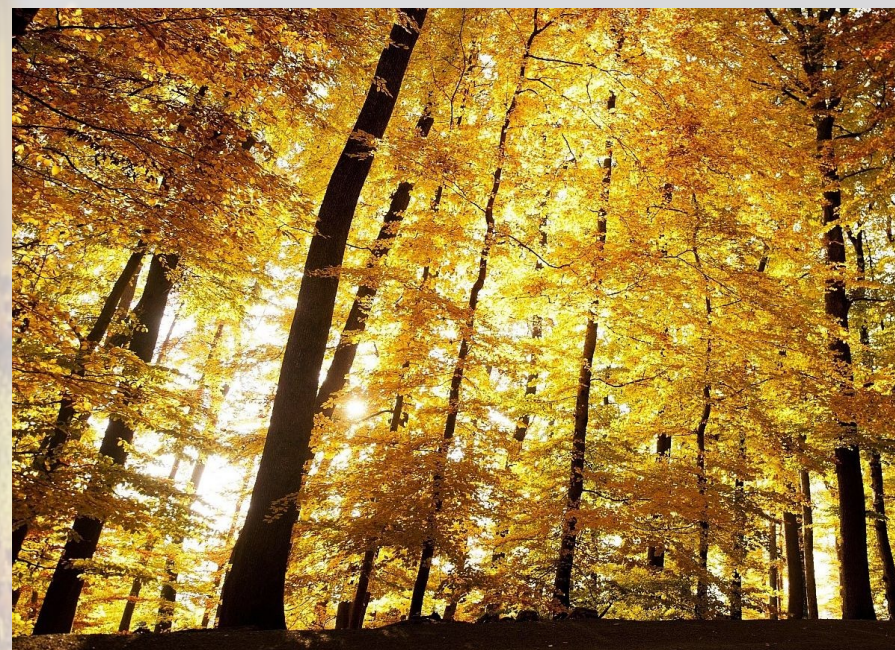
A antiga editora e escritora de conteúdos para o Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas, em Roma, destaca que pelas informações recolhidas a encíclica do Papa Francisco concluiu que vai "encorajar" a olhar para a relação com o meio ambiente e a viver com "simplicidade". "Dando mais atenção ao impacto que causam as nossas

decisões sobre os outros", observa. A Caritas Internacional está "animada" com a publicação da encíclica e contextualiza que muitas organizações do braço caritativo da Igreja Católica em todo o mundo trabalham sobre "o clima e o meio ambiente" e exemplifica que com as comunidades distribuem ajuda durante o "período da seca e dos tufões", auxiliando as pessoas a reconstruírem as suas casas, os meios de subsistência e a "reduzir o impacto dos desastres".

Michelle Hough adianta também que trabalham com "comunidades devastadas" por indústrias extrativas e promovem uma "mudança fundamental nas questões políticas pessoais e ambientais". Neste contexto, a Cáritas Internacional relaciona o tema do documento do Papa com o tema de trabalho da instituição para os próximos quatro anos - Uma família humana, cuidando de criação.

"Corrige a rota em defesa da dignidade humana, a construção de uma coexistência pacífica entre os povos e da defesa e cuidado da criação", contextualiza.

Às críticas ao Papa por escrever sobre uma questão que não percebe,



a antiga jornalista destaca que Francisco é "especialista em química" mas "acima de tudo" tem uma "bússola moral e ética que orienta mil milhões de católicos e inúmeros interessados" em segui-lo. A antiga jornalista da Rádio Vaticano alerta que o futuro agora está nas "mãos de milhares de milhões de pessoas" enquanto recorda que

em 1984 preocupava-se porque "o mundo ia acabar" e o "futuro da humanidade" parecia que estava seguro apenas nas mãos do presidente dos Estados Unidos da América e do presidente soviético, respetivamente Ronald Reagan e Yuri Andropov.



Nova encíclica marca agenda mundial

O diretor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (UCP) acredita que a nova encíclica do Papa sobre a Ecologia vai dar força a uma nova abordagem política sobre “um problema que afeta a todos”. Em entrevista à Agência ECCLESIA, José Miguel Sardica realça que com este texto Francisco se “antecipa muito bem à cimeira de Paris” sobre as alterações climáticas, que está agendada para o mês de dezembro.

Segundo aquele responsável, “à Santa Sé cabe marcar a agenda, cabe apelar e cabe sobretudo, ter a margem de influência que o Papa tem de marcar o debate”, quer público quer político, à volta de qualquer questão que seja estrutural para a sociedade e o bem-comum. Neste prisma, José Miguel Sardica considera que a encíclica poderá “obrigar os decisores políticos a, pelo menos quando se sentam à mesa para decidir sobre as quotas que cada país tem em termos ambientais, terem



um alerta de uma autoridade internacional importante sobre uma questão que não tem cor política, regime ou idade”. Para o comentador da Agência ECCLESIA, “o Papa tem toda a razão” em debruçar-se sobre esta temática, já que hoje veem-se “tantas cimeiras, sobre aquecimento em geral, sobre quotas, sobre industrialização, sobre os países A, B ou C, cimeiras sobre tudo e mais alguma coisa, o G6, o G7, o G qualquer coisa, mas não se vê inverter as coisas”. “Ou seja, pensar o desenvolvimento político e económico pensando que a montante temos recursos finitos, temos recursos naturais que apesar de todas as economias verdes não são maximizáveis ao ponto para chegarem a todos”, concretiza aquele responsável. Até dezembro, em Paris, vão decorrer uma série de eventos destinados

a definir um novo acordo climático global pós-2020, centrado na redução de emissões para limitar o aumento médio de temperatura em 2°.

José Miguel Sardica salienta que quando se fala em Ecologia, “desde os oceanos aos rios, ao ar, às águas, tudo isso são questões que estão para lá da política”, está em causa o “futuro” da humanidade. Questões que, a não serem convenientemente resolvidas, “serão provavelmente a causa de muita tensão e se calhar de algumas guerras durante este século XXI em geral”, complementa. Outro dado destacado pelo docente é que, com este documento, o Papa retoma “uma doutrina social da Igreja que sempre olhou para o cosmos, para o mundo natural no sentido muito respeitoso e no sentido de fazer com que o Homem se realize, respeitando os outros seres”.



«Cuidar», «guardar» e Francisco de Assis

O Papa publicou esta quinta-feira a sua nova encíclica sobre o ambiente, tema a que vem dedicando particular atenção, com várias intervenções centradas nos verbos “guardar” e “cuidar” desde os primeiros dias do pontificado. O documento intitula-se ‘Laudato si, sobre o cuidado da casa comum’, trazendo a temática ambiental para o centro das preocupações da Doutrina Social da Igreja e assumindo a inspiração em São Francisco de Assis (1182-1226). Francisco utilizou a palavra “criação” por sete vezes na homilia da Missa de início do ministério petrino, menos de uma semana depois da sua eleição pontifícia (13 de março de 2013).

“Guardar a criação inteira, guardar toda a pessoa (...), eis um serviço que o Bispo de Roma está chamado a cumprir”, declarou.

Duas semanas depois, na mensagem de Páscoa, Francisco renovou o convite a “guardar toda a criação” e evocou as vítimas de desastres naturais.

A 22 de março de 2013, no primeiro encontro com os diplomatas acreditados na Santa Sé, o Papa

argentino falou de São Francisco de Assis como uma figura inspirado, inclusive no “respeito profundo por toda a criação” e na necessidade de “guardar” o meio ambiente.

Um mês depois, em audiência ao presidente do Equador, Francisco usou uma das expressões que tem vindo a repetir a respeito destes temas: “A natureza nunca perdoa”. A audiência de 5 de junho de 2013, na Praça de São Pedro, é uma das melhores sínteses do pensamento do Papa neste campo, criticando a “cultura do descarte” e do desperdício, na qual a vida humana já não é sentida como um valor primário a respeitar e salvaguardar” e se deixou de ser sensível ao desperdício alimentar.

Nesta intervenção, Francisco ligou a ecologia humana à ecologia ambiental, convidando mais uma vez a “respeitar e cuidar da criação”. A exortação apostólica ‘Evangelii Gaudium’ (A alegria do Evangelho), apresentada em novembro de 2013, refere no seu número 215 as ameaças ao “conjunto da criação”, de que os seres humanos são “guardiões das outras criaturas”.



“A desertificação do solo é como uma doença para cada um, e podemos lamentar a extinção de uma espécie como se fosse uma mutilação”, escreveu.

A Mensagem para o Dia Mundial da Paz de 2014 aborda a “licitude das intervenções na natureza para dela tirar benefício”, convidando a usar “com sabedoria os recursos para proveito de todos, respeitando a beleza, a finalidade e a utilidade dos diferentes seres vivos e a sua função no ecossistema”.

A 21 de maio de 2014, na audiência pública semanal, Francisco usou por 22 vezes a palavra “criação” e sustentou que esta “não é uma propriedade” de poucos; uma semana depois, o Papa reconheceu a influência do patriarca ecuménico de Constantinopla (Igreja Ortodoxa), Bartolomeu I, neste campo. Francisco enviou uma mensagem à 20ª conferência dos Estados da convenção-quadro das Nações Unidas sobre as mudanças do clima (Lima, dezembro de 2014), apelando



à “luta eficaz contra o aquecimento global”.
“O tempo para encontrar soluções globais está a acabar”, advertiu. Antes, no discurso aos participantes no encontro mundial dos movimentos populares (28 de outubro de 2014), Francisco alertou para as consequências, sobre os mais pobres, das “mudanças climáticas, a perda da biodiversidade, a desflorestação”.

Em novembro de 2014, durante a sua visita ao Parlamento Europeu, em Estrasburgo, o Papa argentino recordou que a Europa sempre esteve na vanguarda do compromisso ecológico e da promoção de fontes alternativas de energia, “cujo desenvolvimento muito beneficiaria a defesa do meio ambiente”.
A 15 de janeiro deste ano, Francisco disse que a sua próxima encíclica

iria ser publicada ainda a tempo de pressionar a comunidade internacional para decisões corajosas na Conferência do Clima 2015, em

Paris, afirmando que “em grande parte, é o ser humano, que dá chapadas à natureza, quem tem responsabilidade nas alterações climáticas”.

Já a 22 de abril, o Papa associou-se no Vaticano à celebração do Dia da Terra, pedindo respeito pela natureza para

contrariar a exploração dos recursos naturais que compromete o futuro. A 9 de fevereiro, na Missa a que presidiu na capela da Casa de Santa Marta, o pontífice argentino observou que a defesa do ambiente é uma “responsabilidade” dos cristãos.

“Não, não são os verdes, isto é algo cristão, é a nossa resposta à primeira criação de Deus, é uma responsabilidade nossa”, referiu.





Mais de 50 anos de ensinamento «verde»

A encíclica 'Laudato Si' é o documento pontifício mais importante dedicado a estas temáticas até hoje, culminando um percurso de reflexão com mais de 50 anos.

Bento XVI, predecessor do pontífice argentino, chegou a ser denominado como "o primeiro papa verde" por publicações como a 'National Geographic', mas já no início dos anos 70 do século XX o Beato Paulo VI (1897-1978) alertava para um "problema social de vastas dimensões", na carta apostólica escrita para o 80º aniversário da publicação da 'Rerum novarum'. Em 1970, dirigindo-se à FAO, o Papa italiano falou da possibilidade duma "catástrofe ecológica sob o efeito da explosão da civilização industrial".

A revista dos jesuítas italianos 'La Civiltà Cattolica' apresenta no seu último editorial (n. 3960/2015) aborda o crescimento deste magistério, recordando que entre 1970 e o início dos anos 90 do século passado aumentou a consciência das ameaças ao meio ambiente.

"São João Paulo II foi o primeiro papa a falar das consequências do crescimento industrial, das

enormes concentrações urbanas e do notável aumento do consumo energético", pode ler-se.

O Papa polaco abordou a questão na encíclica 'Sollicitudo rei socialis' (1987), afirmando que "é preciso levar em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado, que é justamente o cosmos".

A Mensagem para o 23.º Dia Mundial da Paz (1 de janeiro de 1990) foi centrada no tema 'Paz com Deus criador, paz com toda a Criação'.

"O gradual esgotamento da camada de ozono e o consequente 'efeito estufa' que este provoca já atingiram dimensões críticas", alertava São João Paulo II (1920-2005), antecipando o debate internacional sobre aquecimento global e alterações climáticas.

Na sua carta encíclica 'Centesimus annus' (1991), o Papa polaco ligou a "questão ecológica", ao problema do consumismo e ao que definiu como "erro antropológico".

"[O homem] pensa que pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não



possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu", observou.

A encíclica 'Evangelium vitae' (1995) recorda que, "em relação à natureza visível", a humanidade está submetida "a leis, não só biológicas mas também morais", pelo que a crise ecológica é entendida como reflexo de uma crise moral.

Já Bento XVI, Papa entre 2005 e 2013, deixou várias intervenções em favor de uma "economia verde" e do respeito pelo meio ambiente,

promovendo um desenvolvimento sustentável.

Já na mensagem para o Dia da Paz 2007 falava especificamente do problema do "abastecimento energético", alertando para "uma corrida sem precedentes aos recursos disponíveis".

A água foi outra preocupação papal, sendo considerada "um direito inalienável" que não pode ser privatizado.

Foi sobretudo na encíclica 'Caritas in veritate' (2009) que Bento XVI



condensa a reflexão sobre “proteção do ambiente, dos recursos e do clima”, a “monopolização dos recursos naturais” e a “exploração dos recursos não renováveis”. Bento XVI afirma que a degradação da natureza está estreitamente ligada à cultura que molda a convivência humana: quando a “ecologia humana” é respeitada dentro da sociedade, beneficia também a ecologia ambiental, dado que “respeitar o ambiente não significa considerar a natureza material ou animal mais

importante do que o homem”. O Papa alemão dedicou a sua mensagem para o Dia Mundial da Paz 2010 (1 de Janeiro) à defesa do ambiente, falando numa “crise ecológica” e apelando à comunidade internacional para que tome medidas que travem as alterações climáticas. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja apresenta uma série de números dedicados a este tema e no ponto 481 pode ler-se que “os atuais problemas ecológicos, de caráter planetário, apenas podem ser

enfrentados eficazmente através de uma cooperação internacional”. O compromisso “verde” da Santa Sé é particularmente visível no complexo fotovoltaico que foi instalado em 2008 no telhado da sala de audiências Paulo VI, junto à Praça de São Pedro: cerca de 2 mil metros quadrados

da cobertura foram substituídos por painéis solares. O pequeno estado da Cidade do Vaticano foi o primeiro a chegar ao objetivo de “emissões zero” de carbono, com a criação, em 2007, de uma zona florestal em território húngaro.



Aprender no Centro Virtual Camões

<http://cvc.instituto-camoes.pt/menu-aprender>

Na continuação do artigo da semana passada onde realizamos um olhar abrangente ao sítio do Centro Virtual Camões (CVC), desta feita iremos olhar para o espaço – aprender no CVC. Aqui encontramos um conjunto de recursos que servirão de suporte à aprendizagem do português nas suas mais variadas vertentes: brincar, falar, ouvir, ler e futuramente também irá estar disponível - escrever.

No espaço “a brincar”, encontramos “um conjunto de jogos, para aprender português de forma lúdica. Os jogos estão organizados em três graus de dificuldade, o que permite a cada visitante escolher aqueles que melhor se adequam às suas competências actuais e avançar à medida que for evoluindo”. Em “a ler”, são desenvolvidas as competências de “leitura em português, através dos recursos que o CVC disponibiliza nesta secção, organizados por níveis de dificuldade, para poder escolher os que melhor se adequam ao seu nível de competência linguística”.

Na opção “a ouvir”, são potenciadas as competências da expressão oral em português. Para tal temos ao dispor três níveis: no inicial, intitulado “tem bom ouvido?”, são realizados exercícios para treino de reconhecimento de palavras e números; no nível intermédio, intitulado “em situação”, os exercícios propostos passam pela compreensão oral a partir de situações práticas do dia-a-dia; por último no avançado, com o título “Reconstruir e sequenciar”, podemos realizar exercícios de compreensão oral a partir de contos de autores portugueses”. No item “a falar”, podemos desenvolver competências de expressão oral em português. Também dividido em três níveis, podemos evoluir na capacidade de falar. No nível inicial, temos um guia básico de conversação, em inglês e francês, para começar a falar português. No nível seguinte, dispomos de uma “selecção de episódios do programa televisivo da RTP sobre a Língua Portuguesa, visando a correcção de erros e o esclarecimento de dúvidas muito



The screenshot shows the 'APRENDER' (Learn) section of the Centro Virtual Camões website. The header includes navigation links like 'SOBRE NÓS', 'COOPERAÇÃO', 'LÍNGUA E CULTURA', 'CENTRO DE RECURSOS', 'CENTRO VIRTUAL CAMÕES', 'COMUNICAÇÃO', and 'AGENDA'. The main content area is titled 'APRENDER' and contains a welcome message. Below this, there are four interactive cards: 'A BRINCAR' (Play) with a puzzle icon, 'A LER' (Read) with a book icon, 'A OUVIR' (Listen) with a speaker icon, and 'A FALAR' (Speak) with a microphone icon. Each card provides a brief description of the activities and the levels of difficulty available. The footer of the website lists partner organizations: GOVERNO DE PORTUGAL, MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, CPLP, IILP, EUNIC, and FNIL.

comuns entre os falantes”. No último nível, “coordenado cientificamente por Maria Helena Mira Mateus”, dispomos de um curso que “sistematiza, com materiais originais e exercícios, todos os aspectos linguísticos relacionados com a

pronúncia do Português Europeu”. Para a semana iremos explorar a área conhecer do fantástico Centro Virtual Camões.

Fernando Cassola Marques
fernandocassola@gmail.com



Livro dos Valores

No último dia de aulas, o grupo de Educação Moral e Religiosa Católica de Sernancelhe apresentou um novo projeto – o Livro dos Valores – no auditório municipal.

O “Livro dos Valores” é um projeto que engloba todos os alunos inscritos em Educação Moral e Religiosa Católica de Sernancelhe do 1º ano ao 9º ano, um projeto em parceria entre o grupo de EMRC (escola), município e família. Mais que simples rimas, o

livro é um tesouro de valores porque guarda nas suas palavras e nos seus pensamentos uma riqueza de valores que os alunos foram apreendendo ao longo do ano letivo a partir da escolha de uma unidade letiva por cada ano. Um esboço que se tornou um projeto, uma ideia que se concretizou ao longo do presente ano letivo.

Como referiu o presidente do município, Carlos Silva, é o



memorizar da história que vai perdurar ao longo dos anos, uma recordação e uma boa ideia para apetrechar a escola sem estar à espera de subsídios. A escola de Sernancelhe torna-se um exemplo a nível nacional pelos objetivos presentes neste projeto. Além disso, mostra que todas as disciplinas são importantes para a formação do aluno.

O professor de EMRC, Mário Rodrigues, mencionou o envolvimento de toda a comunidade na concretização deste projeto onde se valorizam os valores morais, éticos e religiosos patentes nas diversas

unidades letivas do programa de EMRC.

Ainda mencionou que a concretização deste projeto só foi possível porque houve um trabalho em rede que englobou os alunos, a disciplina de EMRC, a escola, o município e a comunidade educativa de Sernancelhe.

O diretor da escola referiu que este desafio tem como objetivo evidenciar os valores e também angariar fundos para a aquisição de quadros interativos.

O Livro dos Valores é uma marca da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica na vida dos alunos.



agenda

Junho 2015

Dia 19 de junho

* Fátima - [Simpósio](#) teológico-pastoral com o tema «Santificado em Cristo» (até dia 21)

* Fátima - [Encontro](#) nacional do Apostolado da Oração (até dia 21)

Dia 20 de junho

* Porto – Poiães - Dia nacional dos antigos alunos salesianos (até dia 21)

* Lisboa - Conventos dos Dominicanos - Encerramento do curso de História e Teologia da Espiritualidade orientado por Teresa Messias e promovido pelos Dominicanos

* Fátima - Peregrinação nacional dos Missionários da Boa Nova (até dia 21)

* Porto - Igreja de Nossa Senhora da Boavista- [Colóquio](#) sobre «Arquitetura Religiosa Moderna na Diocese do Porto»

* Leiria – Ourém - D. António Marto, bispo de Leiria-Fátima, recebe medalha de ouro do município de Ourém

* Bragança - Seminário diocesano de S. José e no Auditório Paulo Quintela- IV [Jornadas](#) Diocesanas da Pastoral Litúrgica com o tema «Sacramentos de cura: reconciliação e unção dos enfermos» orientadas pelo padre Jorge Vilaça

* Lisboa - Caldas da Rainha, Torres Vedras e Estoril - [Simpósio](#) sobre a terceira etapa do sínodo «A Alegria do Evangelho»

* Fátima - Casa de São Nuno - [Encontro](#) dos Secretariados Diocesanos da Pastoral Juvenil

* Fátima - Casa de Nossa Senhora do Carmo - [Apresentação](#) do livro «GPS do Peregrino» lançado pela Editorial Apostolado da Oração.

* Beja - Igreja de Santa Maria da Feira - [Sessão](#) do Festival «Terras Sem Sombra» com o concerto sob o título «A Força da Serenidade: Música para o Fim dos Tempos».

Dia 21 de junho

* Itália – Turim- O Papa Francisco [visita](#) a cidade de Turim para «venerar o Santo Sudário» (dia 21 e 22)

* Guimarães - Santuário de Nossa Senhora da Lapa até à Senhora da Oliveira - «[Ronda da Lapinha](#)» solidária com os cristãos perseguidos

* Setúbal - Almada (*Santuário de Cristo de Rei*)- A Comissão Diocesana da Escola da Fé organiza conferência sobre «O papel dos leigos na Igreja nos 50 anos do II Concílio do Vaticano» por Manuel Braga da Cruz e celebração da entrada solene de D. Gilberto Canavarro Reis na Diocese de Setúbal.

* Guimarães - O presidente da Conferência Episcopal do Paquistão, D. Joseph Coutts, [participa](#) na «Ronda da Lapinha»

* Braga - Póvoa de Varzim (*Igreja de São José de Ribamar*) - [Lançamento](#) da obra «Não me venhas falar de amor - Olha o que o amor te faz!» da autoria do padre Paulo Sérgio

* Açores - Angra - (Sé) - [Ordenação](#) sacerdotal de Pedro Aguiar e, simultaneamente, assinalam-se os jubileus sacerdotais dos cônegos Caetano Tomás e Gil Mendonça (65 anos), dos padres João Serpa, José Escobar, Aurélio Noia e José Carlos Simplicio (50 anos) e dos padres Luciano Oliveira e Vítor Arruda (25 anos).

Dia 22 de junho

* Algarve – Tavira - Dia diocesano do clero do Algarve

Dia 23 de junho

* Setúbal – Almada - [Jornadas](#) internacionais de Cuidados Continuados organizadas pela Liga dos Amigos do Hospital Garcia da Horta.

* Lisboa - Estoril (Hotel Palácio) - O padre Lino Maia, presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), [recebe](#) o Prémio Fé e Liberdade atribuído pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.





por estes dias

Entre 19 e 21 de junho, o Santuário de Fátima promove o Simpósio Teológico-Pastoral “Santificados em Cristo”. A iniciativa decorre no Centro Pastoral Paulo VI, e pretende explicitar como todas as dimensões da existência podem e devem ser marcadas por horizontes de santidade. O tema foi escolhido em consonância com a temática do presente Ano Pastoral no Santuário de Fátima - “Santificados em Cristo” – e a coordenação científica é da responsabilidade da Faculdade de Teologia da UCP.

Dia 21 de junho, no Santuário de Cristo Rei em Almada, decorre o Encontro Diocesano de Leigos promovido pela Comissão Diocesana da Escola da Fé e que coincide com o 17º aniversário da entrada solene de D. Gilberto Reis em Setúbal. Na ocasião, “O papel do leigo nos 50 anos do Concílio Vaticano II” será tema para uma reflexão desenvolvida por Manuel Braga da Cruz, antigo reitor da Universidade Católica Portuguesa.

Nos dias 21 e 22 de junho, o Papa Francisco visita a cidade italiana de Turim. Francisco vai venerar o Santo Sudário que está exposto naquela cidade. Esta deslocação contempla ainda diversos encontros, orações e momentos de festa, em que o Papa estará com os jovens. Momentos que contam com a presença da Cruz das Jornadas Mundiais da Juventude, que passa por Turim na sua rota para Cracóvia, na Polónia onde, em 2016, decorrem as Jornadas Mundiais da Juventude.

A 23 de junho, no Estoril, o Padre Lino Maia, presidente da Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS), recebe o Prémio Fé e Liberdade. A distinção é atribuída pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.



POR OUTRAS PALAVRAS

XII domingo do tempo comum – ano B

Quantas vezes tenho perguntado a Deus: «Não Te importas?...» Outras tantas Ele se tem mostrado tão próximo que apenas sussurra: «Sim; por isso estou sempre convosco!» Silencioso, mas presente; respeitador, mas propondo destinos e caminhos.

A cada pergunta do homem, Deus responde perguntando: “Mas ainda temes?”

Ainda desconfias? Ainda não percebeste que vales mais que qualquer pequena ave das que voam livres sob o meu cuidado?”

Se nos libertarmos do medo, ficará apenas o temor que não se esconde – porque estende, num espanto agradecido, a sua mão frágil à mão que tudo pode.

João Aguiar Campos



minuto youcat

Como se realiza o sacramento do Matrimónio?



Programação religiosa nos media



Antena 1, 8h00
RTP1, 10h00
Transmissão da
missa dominical



11h00 -
Transmissão missa

12h15 - Oitavo Dia



Domingo: 10h00 - O
Dia do Senhor; 11h00
- Eucaristia; 23h30 -
Ventos e Marés;
segunda a sexta-feira:
6h57 - Sementes de
reflexão; 7h55 -
Oração da
Manhã; 12h00 -
Angelus; 18h30 -
Terço; 23h57-
Meditando; sábado:
23h30 - Terra
Prometida.

RTP2, 11h30

Domingo, dia 21 - «Tempo
de cultura, tempo de família».



RTP2, 15h30

Segunda-feira, dia 22 -
Entrevista a Varico Pereira,
sobre a requalificação do
Bom Jesus do Monte, em
Braga;



Terça-feira, dia 23 -

Informação e entrevista a
Octávio Carmo, sobre a encíclica "Laudato si";

Quarta-feira, dia 24 - Informação e entrevista a Vera
Lopes e Rosana Silva sobre a Missão + 40

Quinta-feira, dia 25 - Informação e entrevista a Irmã
Teresa Antunes Ângelo

Sexta-feira, dia 26 - Comentário à liturgia de
domingo pela irmã Luísa Almendra e Cônego António
Rego

Antena 1

Domingo, dia 21 de junho - 06h00 - «Tempo
de Cultura, Tempo de Família»: ecos da Jornada
Nacional da Pastoral da Cultura.

Segunda a sexta-feira, 22 a 26 de junho - 22h45 -
A autenticidade das festas cristãs por D. José Cordeiro
(dia 22); a noite de São João com D. João Lavrador,
bispo auxiliar do Porto (dia 23); A figura de São João e
as memórias de infância da irmã teresiana Isabel
Rocha (dia 24); D. José Cordeiro, bispo de Bragança-
Miranda, e os comentários à sua nota pastoral
valorizando as festas como caminho de cristianização
(dias 25 e 26)



No programa ECCLESIA (Antena 1)

Ano B - 12.º Domingo do Tempo Comum

**Confiar
sempre em
Deus**

A liturgia do 12.º Domingo do Tempo Comum diz-nos que, ao longo da nossa caminhada pela terra, não estamos perdidos, sozinhos, abandonados à nossa sorte: Deus caminha ao nosso lado, cuidando de nós com amor de pai e oferecendo-nos a cada passo a vida e a salvação.

A primeira leitura fala-nos de um Deus majestoso e onnipotente, a quem nos entregamos com humildade e total confiança.

A segunda leitura garante-nos que o nosso Deus não é um Deus indiferente, mas é um Deus que nos ama e que quer ensinar-nos o caminho da vida.

No Evangelho, Marcos propõe-nos uma catequese sobre a caminhada dos discípulos em missão pelo mundo. Os discípulos nunca estão sozinhos a enfrentar as tempestades que todos os dias se levantam no mar da vida. Os discípulos nada têm a temer, porque Cristo vai com eles na barca da vida. Toda a cena da tempestade acalmada se desenrola durante a noite. É o momento em que todas as forças do mal podem agir com toda a impunidade. O barco está no mar, o lugar onde residem as forças demoníacas. Marcos quer fazer-nos compreender que, para além da brusca tempestade, os discípulos, e todos os homens, são confrontados a um combate bem mais profundo e dramático: o combate contra o mal, não somente o mal natural mas sobretudo o mal que habita e trabalha no coração dos homens. Os apóstolos, ultrapassados pela violência da tempestade, simbolizam os homens ultrapassados pelo poder do mal, que parece vencer, ainda e sempre. Para vencer o mal, é preciso recorrer a um poder maior. Felizmente Jesus está lá, Ele dispõe do poder divino.

Os discípulos parecem perdidos, mas Jesus acaba por despertar; esta mesma palavra que Marcos empregará para dizer a Ressurreição de Jesus: "Ele despertou de entre os mortos?". Podemos, pois, compreender o sentido mais profundo deste milagre da tempestade acalmada. Jesus vem ao coração da nossa história, desce até ao fundo do mistério do mal. Mas Deus, em Jesus, respeitando infinitamente a nossa liberdade, junta-se às nossas vidas, esconde-se nas nossas tempestades e nas nossas mortes, para aí colocar a sua presença, mais forte que todas as trevas. Só após a vitória aparente

da morte é que Ele manifestará o poder da sua Ressurreição. O que Ele nos pede hoje é para crer, para Lhe dar a nossa confiança. Sejam verdadeiros discípulos que aderem a Jesus, vivendo em permanente comunhão e intimidade com Jesus, em constante escuta de Jesus, caminhando com Ele, descobrindo a cada instante a sua presença reconfortante ao nosso lado. Contemos sempre com Jesus e não apenas nos momentos de dificuldade e de crise.

Manuel Barbosa, scj
www.dehonianos.pt



Lugar para os pobres nas casas religiosas que ficam vazias

O secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica defende a necessidade de encontrar soluções solidárias para “casas grandes” que “ficam vazias” face à quebra de vocações. “Que não sejam só hotéis, lugares para ganhar dinheiro, mas para acolher os pobres, as pessoas que sentem a sede e a fome de Deus”, disse à Agência ECCLESIA D. José Rodríguez Carballo.

O responsável da Cúria Romana participou nas Jornadas Pastorais do episcopado português, em Fátima. A iniciativa de três dias, sobre a Vida Consagrada, contou com a presença dos superiores e superiores maiores dos Institutos Religiosos e Seculares em Portugal. “Agradeço muito que o convite para partilhar uma reflexão sobre a Vida Consagrada, o presente e o futuro”, referiu o arcebispo espanhol, adiantando que a Santa Sé está a rever o documento de 1978 com critérios para as relações mútuas entre os bispos e os religiosos na Igreja.

D. José Rodríguez Carballo espera que os bispos “não se esqueçam do que lhes pediu o Concílio (Vaticano II)”, frisando que estes “têm de ser promotores, cada um na sua diocese, da Vida Consagrada, e devem respeitar e ajudar os religiosos a respeitar o próprio carisma”. “Comunhão sempre e que nunca falte a profecia”, apelou. Em relação à diminuição de vocações e à “pouca perseverança” de alguns jovens consagrados, D. José Rodríguez Carballo sustenta que é preciso “insistir na pastoral vocacional”, num estilo vida que “chama ao seguimento de Cristo”, com mais alegria e “menos cara de funeral”. “Não somos números, o importante é que haja qualidade evangélica de vida”, observou.

O responsável convida a um discernimento, sublinhando que “a Vida Consagrada não é para todos nem todos são para a Vida Consagrada”. Para o secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, a Europa tem de



D. José Rodríguez Carballo

continuar a ser “uma referência”, dado que aí nasceram a maior parte das congregações e ordens religiosas. Nesse sentido, precisou que a maior parte dos 21 novos institutos de direito pontifício reconhecidos nos

últimos anos nasceu na Europa. “Temos de esquecer a ideia de que a Vida Consagrada está a morrer na Europa, não podemos atirar pedras aos nossos próprios telhados”, advertiu.



ano da vida consagrada

Estar «disponíveis para tudo» empobrece missão dos religiosos

O delegado da Conferência Episcopal Portuguesa (CEP) para a Vida Consagrada afirmou esta segunda-feira que os religiosos não devem estar “disponíveis para tudo” e deve ser respeitada a

“especificidade de cada carisma”. “Quanto mais cada carisma revelar a sua riqueza, mais enriquecida é a Igreja diocesana”, disse D. Manuel Quintas.

Para o bispo do Algarve, os bispos não podem “nivelar” a missão dos religiosos, considerando que os consagrados e as consagradas “devem estar disponíveis para tudo”. “Quando mais estiverem disponíveis para tudo mais se dilui o que é específico em cada um, o que empobrece a própria Igreja”, afirmou.

D. Manuel Quintas falou numa oportunidade para descobrir metodologias para um trabalho em conjunto que “enriqueça a Igreja”. “Queria salientar este facto positivo: no ano da Vida Consagrada, encontramos-nos para falar da Vida Consagrada e para estarmos e rezarmos juntos e para nos questionarmos sobre o modo



como nós Igreja, consagrados e bispos, podemos unir-nos para que a especificidade de cada instituto, o carisma, enriqueça a Igreja em Portugal”, defendeu.

D. Manuel Quintas recordou que, na Assembleia Plenária de novembro de 2014, os bispos de Portugal dedicaram um dia dos trabalhos ao tema da Vida Consagrada, onde cada bispo apresentou o relevo que tem na respetiva diocese, e culminou com a publicação da Nota Pastoral «Chamados a levar a todos o abraço de Deus».

Religiosas e religiosos marcaram encontro no estuário do Sado

O bispo de Setúbal afirmou este domingo à Agência ECCLESIA que os religiosos são um “sinal indispensável” na diocese, que assinalou o Ano da Vida Consagrada com um encontro e uma eucaristia no rio Sado. “Esta baía é muito bonita, em todas as dimensões. E depois a experiência do contacto mais de perto com os golfinhos e este mar aqui faz lembrar o Mar da Galileia, tão familiar a Jesus, ao chamamento dos apóstolos, aos grande momentos da vida de Jesus, a empurrar literalmente as pessoas para não terem medo”, disse D. Gilberto Reis.

A região de Setúbal da Conferência dos Institutos Religiosos de Portugal (CIRP) assinalou este domingo na diocese o Ano da Vida Consagrada com um encontro no rio Sado, que terminou com missa presidida pelo secretário da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica, convidado a participar nesta iniciativa.

Para a presidente da CIRP Regional de Setúbal, Irmã Maria de Fátima Martins Ferraz, esta iniciativa quis valorizar teve por objetivo “testemunhar a alegria da vocação” dos consagrados e consagradas da diocese.

Arriscar a vida por Deus, todos os dias, no Sudão do Sul

"Se gritares, matamos-te!"

Maya nunca mais vai esquecer o frio cortante da faca encostada à garganta. Homens armados atacaram o convento e roubaram o que puderam. Foi a segunda vez que a tentaram matar. Apesar do risco que corre, esta irmã não quer abandonar o Sudão do Sul.

A irmã estava a lavar roupa. A irmã Maya é das mais novas da congregação das Filhas de Maria Imaculada. Tem apenas 23 anos. Nunca tinha visto uma arma na sua vida. Nunca tinha escutado o barulho ensurdecedor duma metralhadora nem tinha imaginado que, um dia, alguém lhe encostaria uma faca ao pescoço, ameaçando-a: "Se gritares, matamos-te!". Não bastava o fio de aço a querer romper a pele. Não bastava a violência brutal de quem a manietava com força e raiva. Apesar do medo, naquele instante ganhou a certeza de que não poderia virar as costas à sua missão de ajudar milhares de pessoas em necessidade. Tudo acabou por correr bem. Os bandidos – eram cinco - abalaram depois de terem roubado o que quiseram no convento. A irmã

tem uma explicação para o saque: "acho que o assalto faz parte de uma campanha de intimidação". Dias antes, a irmã Maya e a irmã Vijii acabavam de sair do campo de refugiados de Juba, que acolhe trinta mil famílias, quando, de súbito, escutaram tiros. O homem que as acompanhava foi atingido mortalmente. A roupa das irmãs ficou manchada de sangue. Nem ali, no campo de refugiados, se poupam as balas, se calam as armas. "Eles querem que nos vamos embora daqui...", afirma a irmã Vijii.

País em guerra

Desde 2013 que o Sudão do Sul é um país em sobressalto. A guerra civil eclodiu entre os partidários do presidente Salva Kiir e os do seu ex-vice-presidente Riek Machar. Já morreram mais de 10 mil pessoas e a ONU contabiliza 1 milhão de deslocados. A fome atinge quase 3 milhões de pessoas. Desde 2013 que se escutam lamentos. País que choram a morte de filhos, crianças que ficaram órfãs, mulheres que viram os maridos serem assassinados.



O trabalho destas irmãs – que a [Fundação AIS](http://www.fundacao-ais.pt) apoia – é muito importante e vai muito para além das pessoas que elas ajudam directamente. Num país em guerra, onde pessoas são mortas, violentadas e torturadas, onde crianças são recrutadas por grupos armados, a presença destas irmãs é sinal de que há ainda alguma esperança de paz. O Sudão do Sul é um país martirizado. Ninguém se sente a salvo. Estas irmãs arriscam a vida todos os dias e todos os dias são aconselhadas a deixar o país. Mas elas decidiram ficar.

Entregaram as suas vidas a Deus e é ali, com aquela multidão de desafortunados que querem estar. Elas não temem pelas suas vidas, apesar de todos os dias ouvirem tiros e o rebentar de bombas. "Já nos avisaram de que seria prudente ir embora, pois isto está cada vez mais perigoso", diz a irmã Vijii. "Mas nós estamos aqui para partilhar o sofrimento deste povo. Enquanto houver refugiados, ficaremos!"

Paulo Aido

www.fundacao-ais.pt



Pelo Nepal... com solidariedade



Tony Neves
Espiritano

Há catástrofes e catástrofes. Todas fazem vítimas e, de uma forma ou de outra, tocam-nos na alma. A tragédia que assolou o Nepal doeu no coração dos cidadãos do mundo, pois juntou-se ao cataclismo a pobreza de um povo.

Nepal parecia ser longe de mais daqui, um país que constava de outro mapamundi, pois até a bandeira é diferente no tamanho e original na sua forma triangular. Mas as imagens que nos entraram nos olhos abalaram-nos as entranhas mais profundas do nosso ser humano sensível. Para ajudar, havia naquele país distante turistas portugueses. Em vez de se juntarem ao coro dos lamurientos, arregaçaram as mãos e tornaram-se agentes humanitários. Abriam uma conta bancária e começaram a chover donativos de todos os quadrantes. Encheram o facebook e outras redes sociais e tornaram-se heróis da solidariedade em pouco tempo. A verdade é que os problemas nepalenses não foram todos resolvidos (nem perto disso!), mas há gestos que valem muito, não tanto pelo que fazem mas pela ternura que carregam.

A tragédia do Nepal pôs a nu as fragilidades do regime que governa o país. Mostrou ao mundo como ainda há gente rica e gente pobre. Provou, mais uma vez, que as consequências das calamidades são bem mais graves entre os pobres que entre os cidadãos de países mais organizados e poderosos. Há uma questão de justiça que fica sempre em causa quando a terra treme ou o mar a invade com fúria. Tem sido sempre assim e



não há razões para acreditar que a situação vai mudar num futuro próximo.

Vi, há dias, o Cristiano Ronaldo a agarrar as bandeiras de Portugal e do Nepal. Gente rica e admirada, como o CR7, dá força a qualquer causa e é bom que as nossas figuras públicas se comprometam quando está em causa a tragédia de um povo.

E o futuro? Receio sempre que,

passando esta onda mediática, os nepalenses mais pobres regressem ao esquecimento e à desgraça de cada dia. Não sei, ao certo, o que ficará como lição para a história da humanidade. Mas parece-me óbvio que se deve registar a fragilidade dos pobres e a solidariedade de quem não cruza os braços e tenta resolver os problemas das vítimas.

Programa **LusoFonias**

Um Encontro
de Vozes e
Culturas



Conheça
o programa... >

"Pode ouvir o programa Luso Fonias na rádio SIM, sábados às 14h00, ou em www.fecongq.org. O programa Luso Fonias é produzido pela FEC – Fundação Fé e Cooperação, ONGD da Conferência Episcopal Portuguesa."

Oração pela nossa terra

Deus Onnipotente, que estais presente em todo o universo
e na mais pequenina das vossas criaturas,
Vós que envolveis com a vossa ternura
tudo o que existe,
derramai em nós a força do vosso amor,
para cuidarmos da vida e da beleza.
Inundai-nos de paz,
para que vivamos como irmãos e irmãs
sem prejudicar ninguém.
Ó Deus dos pobres,
ajudai-nos a resgatar
os abandonados e esquecidos desta terra
que valem tanto aos vossos olhos.
Curai a nossa vida,
para que protejamos o mundo
e não o depredemos,
para que semeemos beleza
e não poluição nem destruição.
Tocai os corações
daqueles que buscam apenas benefícios
à custa dos pobres e da terra.
Ensinai-nos a descobrir o valor de cada coisa,
a contemplar com encanto,
a reconhecer que estamos profundamente unidos
com todas as criaturas
no nosso caminho para a vossa luz infinita.
Obrigado porque estais connosco todos os dias.
Sustentai-nos, por favor, na nossa luta
pela justiça, o amor e a paz.

(Papa Francisco, encíclica Laudato si)